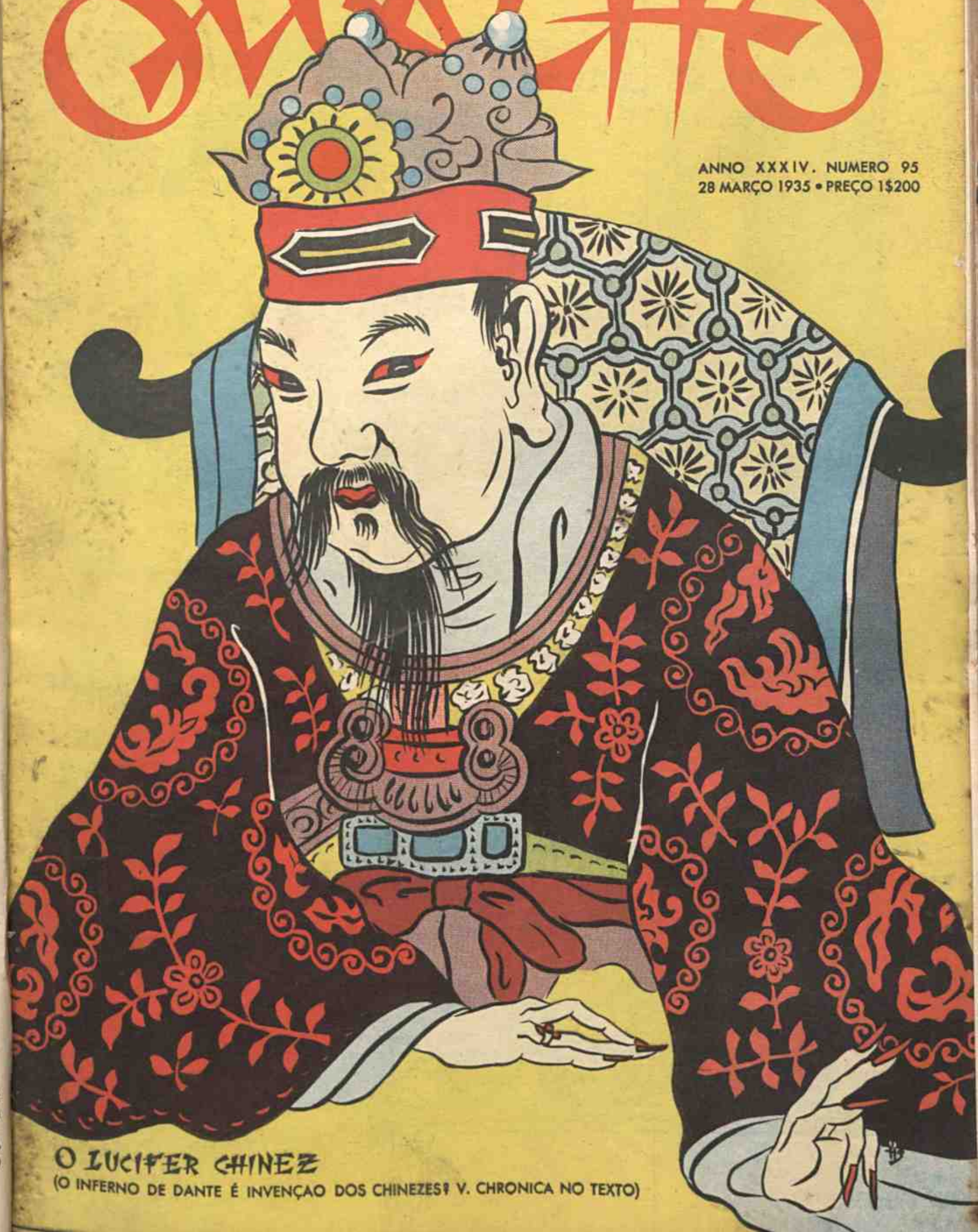
ANNO XXXIV. NUMERO 95
28 MARÇO 1935 • PREÇO 1$200

O LUCIFER CHINEZ
(O INFERNO DE DANTE É INVENÇAO DOS CHINEZES! V. CHRONICA NO TEXTO)

As novas apparições de Nossa Senhora

A 16 de Julho, em Crollon, aldeia da Mancha, dois meninos de 5 annos, Adrien Angot e Marie Villedieu, brincavam num campo de macieiras, a alguns passos da fazenda paterna. Subito, Adrien perguntou á menina:

— Estás vendo a boa irmã?

A pequena approximou-se, e disse:

— Eu vi uma mulher vestida de branco, muito grande, muito bonita, com uma corôa na cabeça, um rosario na mão. Pensei que fosse a Virgem. Ella olhava para nós sorrindo. Chamei papae e mamãe, mas quando voltei ella tinha ido embora.

— Não é a primeira vez que vejo Nossa Senhora. No anno passado, Nossa Senhora appareceu a mim e a papae e á mamãe, pedindo para que nós resassemos, e Ella me disse um segredo.

Uma semana mais tarde, uma menina de 14 annos, Elise Leveillé, proclamava tambem ter visto a Virgem.

— Eu voltava dos campos com mamãe, e passavamos pela fazenda do Sr. Angot. A uma centena de metros do logar onde o Adrien tinha visto Nossa Senhora, percebi claramente uma senhora vestida de branco. Eu disse a mamãe:

— Olhe, mamãe, estou vendo a Virgem que o Adrien viu outro dia.

Adrien Angot declarou que a [illegible]nhora de branco pro[illegible]. Que assim se[illegible]

O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO
Director: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Travessa do Ouvidor, 34-C. Postal 880
Telephones: 23-4422 e 22-8073 – Rio

Preços das assignaturas

Annual, 60$000 -- Semestral, 30$000

NUMERO AVULSO EM TODO O BRASIL 1$200

O proximo numero d'O MALHO

Entre outros assumptos da proxima edição, destacamos:

PERÚA
Poesia de Luiz Peixoto—Illustração de Théo

A CONTINENCIA
Conto de Americo Palha—Illustração de Correia Dias

O PROCESSO DUMAS
Excerpto de um relato inedito de Turgueneff

O CRIME DA TAPERA
Conto de Rudi Natal—Illustração de Fragusto

ELOGIO DA LOUCURA
Pensamentos de Berilo Neves

SECÇÕES DO COSTUME

SENHORA
Supplemento feminino com a orientação de Sorcière

ACREDITEM OU NÃO . . .
Por Storni

DE CINEMA
Por Mario Nunes

BROADCASTING EM REVISTA
Por Oswaldo Santiago

Nem todos sabem que . . . — Carta enigmatica e palavras cruzadas — De tudo um pouco e Caixa d'O MALHO

A SOLITARIA

e outros vermes intestinaes

Sob o criterio de que as affecções por vermes intestinaes só se verificam no interior, onde os cuidados de hygiene são mais relaxados, os doentes das capitaes se suppõem a coberto desse mal e, até muitas vezes, escapa aos proprios clinicos ainda os mais atilados, uma verminose latente; dahi, porque grande numero de efermos, submettidos a energicos tratamentos tonicos, não conseguc o desejado restabelecimento, sendo commum degenerar-se o seu estado de simples anemico em molestia de serio prognostico. E' que são victimas, ora do tricocephalus, ora da ascarides, ora do oxyuros ou do ankilostomo, senão até da terrivel Tenia. Esses parasitas, suggadores da nutrição humana, vão sorrateiramente, sob a capa de outras molestias, aniquilando uns e ceifando a vida de outros. Realmente, a anemia, produzida pelos vermes intestinaes, é a porta larga por onde novas e incuraveis affecções entram a dominar.

Assim, os que se sentirem enfraquecidos por uma causa extranha; os que, embora alimentando-se bem, costumam cahir após as refeições, nesse estado de incomprehensivel fraqueza; os que tem o somno sobresaltado, sem uma causa apparente, incontestavelmente, tem seu organismo infestado de vermes. Para combater esses perniciosos parasitas, existe, felizmente, um medicamento de acção suave, inoffensivo mas de grande efficacia e que póde ser ministrado sem perigo algum, desde a criança recemnascida até mesmo os velhos, pessoas enfermas, senhoras gravidas ou individuos alcoolatras.

E' a Entelmintina, formula do Prof. Fumarola, de Milão. Entelmintina tem o mesmo poder do Feto Macho e do Tetrachloreto de carbono, porém não é absolutamente, inoffensiva e a sua ministração não apresenta os perigos desses antigos medicamentos.

Estas recommendações são dirigidas, especialmente, ás mães porque, infelizmente, são raros os jovens libertos de affecções por parasitas intestinaes.

Os interessados tem á sua disposição, gratuitamente, completa literatura a respeito, no Departamento de Productos Scientificos á Avenida Rio Branco 173-2°, Rio de Janeiro e á Rua de São Bento, 49-2°, em S. Paulo, onde uma pessoa especialisada presta todos os informes que se fizerem necessarios.

Entelmintina é encontrada em todas as boas Pharmacias e Drogarias e com os seguintes representantes:

Aracajú, L. C. Braga Netto; *Araguary*, Alexandre Campos & Cia.; *Araraquara*, Pharmacia Internacional; *Bello Horizonte*, Alfredo Santos & Cia.; *Belém*, Pharmacia Central; *Bagé*, Oscar Salles; *Botucatú*, Pharmacia S. Bento; *Bahia*, Dr. Raul Schmidt; *Campos*, Maia & Irmão; *Curityba*, Drogaria Minerva; *Campinas*, Pharmacia Italiana; *Fortaleza*, Ferreira Cavalcanti & Cia.; Drogaria Pasteur, Pharmacia S. José; *Juiz de Fóra*, Mario Nogueira da Gama e Drogaria Americana; *Maceió*, L. C. Braga Netto; *Manáos*, Bomfim & Cia.; *Mococa*, Pharmacia Figueiredo; *Porto Alegre*, Erwedoza Lino & Cia. e H. Eggers, Rua Vig. J. Ignacio, 116; *Pelotas*, Drogaria Sequeira, Pharmacia Khautz e Barcellos & Pinto; *Parahyba*, R. N. Cavalcanti; *Paranaguá*, S. Drummond & Cia.; *Poços de Caldas*, Pharmacia Rosario; *Rec'fe*, J. Costa Rego Jr.; *Rio Grande do Norte*, C. L. Cardoso; *Ribeirão Preto*, L. Ribeiro de Araujo; *Rio Claro*, Pharmacia Italiana; *São Luiz*, Jesus N. Gomes; *Santos*, Rua 15 de Novembro, 154; *Sorocaba*, Pharmacia Biologica; *Taubaté*, Pharmacia N. S. Apparecida; *Theoph'lo Ottoni*, Epiphanio Mascarenhas; *Uberaba*, Pharmacia São Sebastião; *Uberlandia*, Pharmacia N. S. do Rosario; *Victoria*, G. Roubach & Cia.

Caixa do Malho

M. A. B. (Bello Horizonte) — O seu ponto de vista historico parece-me perfeitamente respeitavel. O episodio prestase a uma bella chronica de heroismo e brutalidade. Fazendo-lhe justiça, vou além: seu estylo é elegante e flexivel. Correcta a sua forma. Creio, porem, que, escrevendo-a, a senhora se esqueceu de que estava referindo-se a um agrupamento primitivo de pretos fugidos. Uma reunião de conselho de guerra, puxada a arenga napoleonica, na "Republica" dos Palmares, é um perfeito absurdo. O seu Zumby é muito literario. A creança a quem elle fala não é o pretinho de uma taba de quilombolas: é um poeta entupido de lyrismo. A propria scena do suicidio collectivo poderia ser epica, sem ser theatral. Bastava que elles fossem cahindo aos magotes no abysmo, á proporção que fossem sendo acossados pelos brancos.

LUCIANO DE ALENCAR (S. Paulo) — Sensibilizado pela sua confiança. Sua carta permittiu-me tocar com o dedo o seu drama. Que formidavel cabedal de experiencia está reunindo V.! Mas a que preço, hein! Continue a escrever — conto, novella, seja o que fôr — não deixe de escrever, pois esta será a sua melhor consolação. Seu conto sahiu, afinal, porem, a revisão judiou um bocado com você. Se a sua calligraphia tivesse traços mais simples, não lhe aconteceria isso.

MONTE-CHRISTO (Rio) — Já chegou fóra de tempo. Mas, mesmo que houvesse chegado a tempo, V. não acha absurdo aquella coincidencia que V. forjou no conto? Eu achei...

NEWTON NERY FEODRIPPE DE SOUZA (Rio Tinto) — Quanto trabalho para rimar tantas exclamações sem valor! Deixe o Guarany em paz. Deixe os indios de mão. Não será tempo já desses pobres selvagens descançarem.

VALENÇA LEAL (Maceió) — Vou ver o que se póde fazer do conto e do poema. Já sabe que são approvados. Os outros estão ahi para sahir. O diabo é o espaço. Para fazer tudo o que V. pede, seria preciso que eu mandasse tudo, aqui dentro... Mas esforçar-me-ei para contental-o.

URQUIZA VALENÇA (Maceió) — Tem havido, apenas, um pouco de falta de sorte. Mas estão lá, arrumadinhos para sahir. Optima a sua "Ballada". O outro está bom. Espero que não perca a paciencia.

JOÃO ESTEVES (Ubá) — Recebi ambos os contos. Vou providenciar. O secretario prometteu annunciar. Esteja convencido de que lhe disse em carta: não houve o menor intuito depreciativo.

ALMY DE CASTRO (Prahybuna) — Está fraquinho o soneto. Não serve.

A. P. VERGUEIRO (Brazopolis) — Seu conto está desinteressante. Querer fixar toda uma vida numa pagina curta é um esforço literario de que poucs gente se sahirá com exito. Algumas observações da sua personagem são bôas, mas outras repetem velhos conceitos ironicos. A figura do protagonista não está fixada tão bem, como se deve exigir. Com outro enredo, creio que V. vencerá.

C. IZALTINO SANTANNA (Jair) — Veiu para cá a sua carta. Seus trabalhos merecem approvação. Escolherei os que me parecerem melhores para publicação. Vae demorar um pouco.

LORIVAR MATTOS (Rio) — A noticia do seu livro já deve ter sahido. Impossivel dar-lhe o nome por esta secção. Telephone: veja no catalogo.

ANACREONTE (Curityba) — V. não poderia encontrar um pseudonymo menos adequado do que este. O lyrismo rubicundo e sadio do poeta de Téos que via mel em todas as flores — como está distante do fatigado desencanto com que V. desenha os quadros cinzentos da sua chronica? Escolhi a que me pareceu melhor — "Meninamoça" ! para um dia em que O MALHO saia de fumo preto na manga do palitó...

Dr. Cabuhy Pitanga Neto

LIVROS E AUTORES

Por PAULO GUSTAVO

O MUNDO EM QUE VIVEMOS.

Van Loon é hoje um nome que se não pronuncia indifferentemente. Suas obras foram traduzidas na Inglaterra, Estados Unidos, Allemanha, Russia, Japão, Hespanha, China, Hungria, Hollanda, Suecia, Finlandia, Dinamarca e, agora no Brasil.

Na America do Norte, tem sido comparado, a Wells, achando alguns que é "um guia mais seguro que este", conhecendo Historia cem vezes mais e escrevendo com mais gosto e mais humor.

Justifica-se, pois, que a Livraria do Globo tenha feito traduzir duas das suas obras: *"O Mundo em que vivemos"* e *"Historia da Humanidade"*.

A primeira, escreveu-a Van Loon para attender a uma solicitação. Alguem lhe pedia para escrever uma geographia que fosse realmente util, que se não limitasse a nomes e numeros.

A resposta a essa carta, dada por Van Loon dez annos depois, é o que elle chamou a "geographia graphica da Humanidade", focalizando, principalmente as consequencias que advêm para o homem dos phenomenos e accidentes geographicos.

Toda essa notavel historia humana applicada á geographia é feita em linguagem simples, em tom de conversa, cheia de bom humor que prende a attenção dos leitores de todas as idades.

A respeito dos paizes da America Central diz Van Loon: "As nações Guatemala, Honduras, Nicaragua e Costa Rica são apenas nomes romanticos, a não ser para collecionadores de sellos postaes, porque ha uma regra que tem valia para o mundo todo: "Quanto mais esgotado o thesouro nacional de um paiz tanto mais artisticos os seus sellos".

A nosso respeito, parece que Van Loon não nos considera muito mais do que essas pequenas republicas, pois que nos dedica apenas uma pagina, em um volume de 500. E' verdade que affirma sermos "o mais rico dos differentes paizes situados ao sul do equador". Comette um *pequeno* erro quando diz que, como colonia, o Brasil foi "péssimamente administrado, *primeiro pelos hollandezes* e depois pelos portuguezes".

Mas, ponhamos de lado a nossa susceptibilidade patriotica e confessemos que, embora não acceitando muitas das opiniões do autor, que são muito pessoaes e, ás vezes absurdas, o seu livro é das geographias mais interessantes que lemos até hoje.

As 150 illustrações do livro são do proprio autor, sendo que 22 em côres. Os mappas apresentam uma novidade: o mar, por exemplo, em vez de o vermos como uma simples linha curva, vêmol-o em toda a sua profundidade. Tudo isso torna original essa obra, que foi traduzida por Alvaro Franco.

FORMAÇÃO BRASILEIRA.

A Livraria Editora José Olympio que tem lançado no mercado tantos bons livros, acaba de editar mais um volume destinado a receber um carinhoso acolhimento por parte da critica. "Formação Brasileira", quinto volume da série "Poblemas politicos contemporaneos" é um trabalho consciencioso, realisado com escrupulo, reunindo dados interessantes sobre a nossa formação politica, economica e social.

O seu autor, Sr. Helio Vianna, baseia as suas conclusões e os seus commentarios em factos historicos, escolhidos nos archivos e dá-lhes o relevo que merecem.

O volume é illustrado com alguns mappas demonstrativos.

AMOR IMPACIENTE.

"Amor Impaciente" é o titulo do ultimo romance da "A Nova Bibliotheca das Moças", editado pela Companhia Editora Nacional.

E' um romance de leitura amena, cuja intriga amorosa consegue prender, desde os primeiros capitulos, a attenção dos amantes desse genero de literatura.

"Amor Impaciente" é de autoria de May Christie. A tradução, cuidadosamente feita, é de Albertino Pinheiro.

Orestes Barbosa — PHANTASMA DOURADO — Calvino Filho, editor — Rio — 1934.

Naquelle estylo que é tão seu, Orestes Barbosa traçou a biographia movimentada e moderna, que se lê com muito agrado, embora se possa discordar de algumas opiniões do autor.

Briga-se com Orestes Barbosa, disqute-se com elle, não se quer muitas vezes conversas com elle, mas não se nega que tem talento.

E "Phantasma dourado" é uma prova.

SKETCH...

— Allô, quem fala? E' o Sr. Pedroca Paraizo?

— Sim, senhorita.

— Olhe aqui: eu queria pedir ao Sr. para cantar outra vez aquella valsa que fala em "beijo vulcanico", "amplexo de fogo", "rugidos sensuaes"...

— Ah, sim... Já sei qual é... Mas por que a Sta. mostra preferencia por essa valsa? O assumpto diz alguma cousa com o seu temperamento? Gostará, por acaso, de brincar com essas materias inflamaveis?

— Chi! Como o Sr. é maldoso! Virgem Santa!

— Vamos, filhinha... Confesse a verdade... Estou quasi certo de que advinhei a razão do seu pedido... Ah! Si pudesse imaginar como estou interessado em conhecel-a pessoalmente...

— A mim?

— Sim, flôr mysteriosa e tentadora!... A ti mesma rosa abrazada dos tropicos!...

— Mas que é isso, Sr. Pedroca! Não diga essas cousas, que eu chego a ficar arrepiada... Si a sua noiva ouvisse isto...

— Minha noiva? Sabes, então, que eu sou noivo? Quer dizer que te tens interessado por mim a ponto de te informares da minha vida! Ah! Sinto que a minha curiosidade em conhecer-te vae redobrar! Por Deus! Supplico-te! Imploro! Vamos! dize-me quem és!

— Eu... Eu... Eu sou a Margarida...

— Margarida?

— Sim, Sr... A Margarida, arrumadeira da casa de Dona Celina, sua noiva...

IMPRENSA DO RADIO

— Tendo deixado a direcção de "Synthonia", o Sr. Gilberto Andrade acaba de fundar outra revista dedicada ás cousas do "broadcasting" e que se intitula "A Voz do Radio". Essa nova revista já está com o seu numero inicial em circulação.

— Aurora Miranda já lançou pelo radio a marcha "Vou deixar você em casa" e o samba "Como eu quero o samba", ambos de auctoria, na parte musical, de Ronaldo Lupo, o homem que fez o "Samba da Saudade".

RADIO NA BAHIA

ASSIS VALENTE, DE VOLTA DE SÃO SALVADOR, DA' A O MALHO AS SUAS IMPRESSÕES SOBRE O BROADCASTING DA SUA TERRA

Que o auctor de "Good-bye" e "Té já" é bahiano, já o sabe toda a gente desta cidade, que se interessou pela pessoa de Assis Valente desde que elle aqui fez, ha tres ou quatro annos passados, a sua estréa como compositor de successo.

Agora, depois de uma longa ausencia, elle foi fazer uma visita ao torrão natal, e, de volta, deu as suas impressões a "O Malho" sobre o ambiente radiophonico de São Salvador.

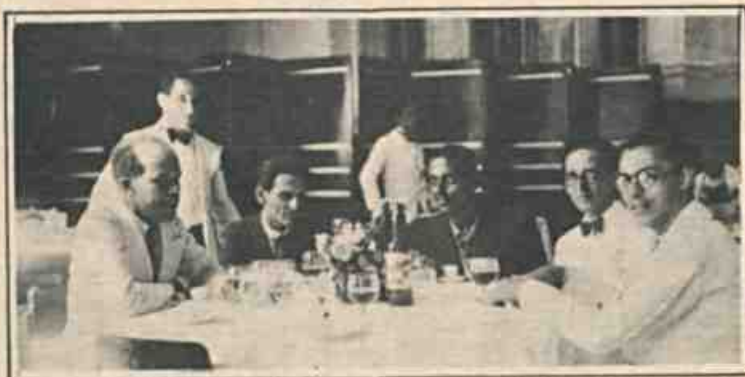
Aqui reproduzimos a palestra que com Assis Valente manteve o redactor desta secção:

— Apesar da pequena demora que tive na Bahia e de estar desambientado por uma ausencia de varios annos, durante os quaes se produziram modificações sensiveis no seu meio artistico, especialmente no que se refere ao radio, achei que o radio bahiano marcha em franco progresso, operando-se um desenvolvimento rapido e seguro.

— Quantas transmissoras já existem por lá?

— Existem tres estações transmissoras, a saber: — o "Radio Club da Bahia", que tem séde propria e é a estação mais antiga da terra; a "Radio Commercial" e a "Radio Sociedade", ambas muito bem apparelhadas para os fins a que se destinam. Respondem ellas, respectivamente, pelos prefixos de P. R. F.-6, P. R. F.-8 e P. R. F.-4.

— Que nos diz dos seus programmas e dos elementos artisticos que ellas apresentam?

— Digo-lhe que, guardadas as devidas proporções, os programmas irradiados pelas estações bahianas são mais ou menos os mesmos das estações cariocas. Pelo menos na programmação de discos, que são os que aqui ouvimos e que são lá conhecidos ao mesmo tempo que nesta capital. A differença está, pois, nos programmas de studio, que reunem, entretanto, vocações bem encaminhadas e nomes já consagrados no local.

Almoço que os jornalistas bahianos offereceram no Palace Hotel a Assis Valente, na sua recente visita a S. Salvador. Vêem-se os Drs. Alvaro Motta, secretario do "Diario de Noticias"; Cármino Longo, tambem do "Diario de Noticias"; Florencio Santos, d'"A Tarde"; e Amado Continho, d'"O Imparcial", além do homenageado.

— Poderá citar-nos alguns?

— Devo dizer-lhe que temo ser injusto ommittindo este ou aquelle e dando logar a ressentimentos. Não tive tempo, outrosim, de ouvil-os a todos. Mas não me escaparam os "speakers" Del Rio, Fernando Pedreira, Zé Americo e C. Danilo, que possúem estylo proprio, não imitando ninguem, e, entre os artistas, Renato Braga, Victor Barcellar, Humberto Porto, Vicente Dantas, Esmeraldo Joel Rosas e Claudionor Wanderley, este regente da optima banda do "Corpo de Bombeiros" e compositor inspirado. Lá está, tambem, Léo Villar, nome conhecido dos ouvintes cariocas.

— E figuras femininas, quaes as que notou no "broadcasting" da boa terra!

— Devo dizer-lhe que notei um certo retrahimento das mulheres, que, ao contrario daqui, não demonstram, ainda, grande interesse em actuar no radio. Ha poucas cantoras locaes, o que é pena, pois poderiam surgir verdadeiras revelações.

— Assistiu o Carnaval?

— Tive o prazer de chegar em São Salvador justamente na terça-feira do Carnaval, quando maior foi a animação, devido ao desfile dos ricos prestitos dos clubs allegoricos da terra. Os "Fantoches" e o "Cruz Vermelha" não conseguiram vencer um ao outro na popularidade e na belleza dos seus cortejos, mas conseguiram uma victoria estupenda para o Carnaval de 1935 na Bahia, o melhor de quantos lá houve, ha muitos annos, no consenso unanime da população.

— E as musicas preferidas pelos carnavalescos bahianos, quaes foram, este anno?

— Sem o menor intuito de lhe ser agradavel, affirmo-lhe que a sua marcha "Joia Falsa" estava na bocca de toda a cidade. "Joia Falsa", "Deixa a lua Socegada", "Implorar", "Mulatinho bamba" e "Grão Dez" foram as musicas victoriosas na Bahia.

— E a sua marcha "Té já"? Por que não fala nella, tambem?

— Sendo musica de um bahiano, todo o successo que por lá fizesse só poderia ser por uma questão de bairrismo... Por isso, prefiro não dizer nada. Prefiro dizer, por exemplo, e com toda a sinceridade, que os bahianos consagraram e têm o desejo de conhecer muitos compositores daqui. Lamartine Babo, Noel Rosa, Oswaldo Santiago, Pixinguinha, João de Barro, Custodio de Mesquita, todos estes são cotados e fariam muito bem dando um passeio até lá, para verem que a minha terra é boa de facto...

— Quaes os artistas do Rio mais admirados?

— Almirante, Patricio Teixeira, Gastão Formenti, Petra de Barros, Carmen e Aurora Miranda, Bando da Lua, etc. Ha muito interesse, tambem, em torno de Cesar Ladeira. Ha, tambem, um desinteresse desconcertante a respeito de muitas celebridades festejadas por aqui...

— E a imprensa? Manifesta grande sympathia pelo radio?

— Decerto, como em todas as partes. O "Diario de Noticias" mantem, sob a direcção do brilhante jornalista Alvaro Motta, que se occulta sob o pseudonymo de "Pescador de Antennas", uma secção de radio das mais bem feitas. Toda a imprensa collabora com o radio para o progresso e a cultura da nossa grande Bahia.

— E que mais desejaria dizer sobre as cousas do radio, na sua terra?

— Nada mais. Apenas desejaria agradecer as gentilezas com que fui distinguido, durante a minha permanencia em São Salvador. E mandar, por intermedio d'"O Malho", o meu abraço fraternal para todo aquelle pessoal camarada.

E com estas palavras foi encerrada a interessante palestra que Assis Valente nos concedeu.

Boby Lazy, um dos novos exclusivos do "Radio Club do Brasil", interprete de foxs e canções americanas, que canta no idioma original.

RADIOLETES

— Tendo ido a São Paulo, sua terra, passar o Carnaval, Arnaldo Pescuma arranjou uma grippe e uma proposta para ficar na "Radio Diffusora".

—:—

— "Um bungalow com trepadeiras na janella..." Lembram-se os leitores dessa canção que Alvinho, do "Bando Tangarás", lançou a uns quatro annos? Pois os Irmãos Tapajóz vão revivel-a pelo microphone da "Mayrink Veiga".

—:—

— Cesar Ladeira voltou á "Mayrinck" no dia 20 ultimo, antecipando-se de 24 horas na sua "reentrée" na P. R. A. 9, afim de desfazer os boatos correntes. E leu uma relação dos artistas que vão ficar na sua estação, não citando, porém, o nome de Carmen Miranda...

—:—

— Sodré Vianna, no "Globo", achou que a Sta. que canta com o "jazz" dos academicos de Pernambuco, imita Carmen Miranda. Choveu protestos...

—:—

— Sem trabalhar e já ganhando dois contos por mez! O felizardo é Gastão Formenti, o exclusivo n.° 1 da "Radio Transmissora", que só virá aos ares em Junho, mas que já está sustentando gente... E ainda dizem que o radio não é bom negocio...

—:—

— Custodio Mesquita, segundo ouvimos de bocca propria, foi interpellado por Francisco Alves nos seguintes termos: — "Custodio: como você receberia uma proposta da "Victor" para deixar a "Mayrinck"?

—:—

— A "Philips" parece que está contente com o seu "cast", onde figuram Sonia Barretto, Moacyr Bueno, Sylvio Caldas e outros. Pelo menos, não está pondo em pratica o velho rifão: — a gallinha da visinha é mais gorda do que a minha...

—:—

— Mais uma estação que ameaça entrar em actividade, nesta capital: a "Radio Vera Cruz", emissora dos catholicos, que estão recolhendo donativos para mostral-a convenientemente. Os cantores dessa estação receberão os "cachetes" em indulgencias plenarias... Quem quer ser exclusivo da "Radio Véra Cruz"?

O QUE VAE PELOS STUDIOS

Os boatos continuam fervilhando, no meio radiophonico carioca.

Com a proxima iniciação de novas transmissoras, provocando modificações de "casts" e valorisando elementos discutiveis, só se ouve indagações e palpites.

— Fulano para onde vae?

— Vae para a "Radio Transmissora", que faz questão de "abafar" a "Mayrink". O Evans affirma que, si a "Victor" quizer, até o Antunes, director da "Mayrink", irá para a "Transmissora".

E a "Radio Ipanema"?

— Ah! Essa vae ser "café pequeno". Estação sem grande potencia não tem futuro. Vae ser uma estação ouvida, sómente em Copacabana, como a "Cajuti" é na Tijuca e a "Guanabara" nos suburbios.

— Mas dizem que o seu elenco será notavel. Fulano será o "speaker". Sicrano fará radio-theatro. Beltrano cantará operas.

— Conversa, meu caro. Eu já recebi varias propostas e não acceitei. Não faço fé.

— E a "Radio Tupy", dos "Diarios Associados"?

— Bem. Essa é outra cousa, pelo que dizem. Si o Ladeira estiver no brinquedo, então, temos gente para o primeiro "team"...

— Mas o Ladeira tem, mesmo, algum entendimento com a "Radio Tupy"?

— Creio que não. Elle já é quasi socio da "Mayrinck", onde tem uma commissão de 10% sobre toda a publicidade, o que lhe dá dez a doze contos mensaes. Para mim elle ficará na P. R. A.-9 e tanto assim é que o Renato Meira Lima, delegado do Emplacamento, arranjou para o automovel delle, o seu pedido, a placa n.° 9. E' um signal evidente...

— E a "Radio Jornal do Brasil"?

— Dessa não tenho ouvido falar. Virá mesmo? Eis o que desejava saber.

— Quer dizer que...

— Quer dizer que a maior parte do que se diz é boato e palpite.

São neste tom, mais ou menos, os dialogos que temos escutado, nos ultimos dias, entre figuras do radio carioca...

A "VÓZ DO NORTE" PARA O MUNDO

Fizemos referencia, no nosso numero atrazado, a duas cartas recebidas da Inglaterra pelo "Radio Club de Pernambuco".

Transcrevemos trechos de uma dellas, assignada por T. W. Moss e procedente de Devon, accusando a recepção, nessa cidade, das transmissões em ondas curtas feitas pela P. R. A.-8.

Ficámos de fazer referencias mais detalhadas á segunda das missivas alludidas.

Veiu ella assignada por Mr. Duncan T. Donaldson, da Policia Station, Main Street, Kelty, Fife, Scotland, trazendo a data de 31—1—35.

Assim começa a carta:

"It gives me great pleasure to report reception of your station P. R. A. 8, on a wavelenght of about 49.5 metres at 01,05 Greenwich Mean Time on Tuesday, 29 th Jaunary, 1935."

Mr. Duncan ennumera os trechos escutados, descrimina os caracteristicos do seu receptor e diz que a localidade de Kelty fica 10 milhas do norte de Edinburgh, capital da Escocia, accrescentando:

"Weather here at the time of reception was very cold with keen frost".

E termina pedindo informações sobre a P. R. A. 8, afim de inseril-a na secção de ondas curtas de Radio News, conhecida revista especialisada sobre o assumpto.

A "Voz do Norte", que o "Radio Club de Pernambuco" faz transmittir, vae, assim, fazendo com que o nosso paiz saia do anonymato em que vive, em materia de radio diffusão.

MUSICAS NOVAS

— "Desencanto", tango-canção de José Francisco Freitas e Oswaldo Santiago, foi lançado pela "Victor" em discos gravados pelo inconfundivel Gastão Formenti. No verso da chapa, outra canção: — "Perjurio", de Aldo Taranto e Valentina Biosca.

— João de Barro já fez uma marcha para Alleluia. Chama-se "Alleluia", mesmo, e vae ser lançada no sabbado competente, isto é, no sabbado de alleluia, ao meio dia, em todas as estações de radio desta capital e possivelmente dos estados. A "Victor" já está cuidando do assumpto, havendo dado a Formenti para gravaI-a.

BRÉQUES

Flagrante colhido numa banca de jornaes. Chega um cavalheiro e pede a "Gazeta de Noticias". E o jornaleiro, curioso, indaga: — Em que estação de radio o Sr. canta?

—:—

— Entao, a Madelú de Assis gastou oito contos com um "macumbeiro" para fazer as pazes com o Valdo Abreu?

— E' verdade. Mas valeu a pena. Ella não tem de que se queixar...

— Como assim?

— Muito simples. Elles eram noivos, na hora do "despacho", e hoje já estão casados...

ENIGMA

Confesso quê te amo! Sê indulgente
Para esse amor que dizem ser peccado;
Mas eu não creio, não, que um Deus clemente
Castigue um coração já castigado.

Porque o amor, maior quando se sente
Por um ser a outro affecto já ligado,
Faz pensar, faz sorrir, chorar... e a gente
Não sabe se é feliz ou desgraçado.

Por que o destino atroz, quasi perverso,
Sepulta tanto amor dentro de um verso?
E a mais forte razão por que padeço

E' debater-me nessa noite escura
Da duvida fatal que me tortura:
Crime se te amo... Crime se te esqueço.

MORAES JUNIOR

ROCHA POMBO

Rocha Pombo! A grandeza do teu vulto,
Esplendorosa, vive na memoria
Do Brasil, que te rende todo o culto
Devido aos homens inclitos da Historia!

Tua vida é a bellissima victoria
Do espirito, que vivido, que exulto,
Sobreviveu ao physico sepulto
Na morte, alto librando-se na Gloria!...

Attingiste a maior finalidade
Do homem, que é sobrepôr-se á acção siderica
Do Tempo, pela sã immortalidade!

Compartilhas da gloria de Colombo,
Porquanto se este descobriu a América,
Desbraváste-lhe a Historia, Rocha Pombo!...

PETRARCHA MARANHÃO

OFFERENDA

Simples mortal, eterno sonhador,
Eu bem sei que não devo e não mereço,
Em troca desse amor que te offereço,
Pedir um pouco de teu grande amor.

Disso tudo, porém, hoje me esqueço.
Perpetuo e impenitente peccador,
Venho trazer-te pobre e sem valor,
Tudo o que tenho: o meu amor sem preço...

Perdôa-me, porém, si te offendi,
Si insano fui, quando beijei-te a mão,
Si era tão pouco o que te offereci...

Perdôa-me, eu não sei bem o que fiz...
Mas sei que, em busca desse teu perdão,
Eu hei de ser um pouco mais feliz...

ALCIDES MARINHO REGO

Nem todos sabem que...

O padre Marchand, reportando-se á origem do Angelus, affirma que o toque e o recitativo constituiam uma ceremonia religiosa dos habitantes de Saintes (França) vivendo no XI seculo.

Foi pelo menos, em 1096 que o papa Urbano II, tendo ido áquella localidade, encontrou o Angelus estabelecido na cathedral Saint-Pierre.

Luiz XI restabeleceu a tradição em 1472, e coube á Notre Dame de Paris a inauguração da solemnidade.

❖ ❖ ❖

FALLECEU, outro dia, em Monte Carlo, o "Rei dos Cosinheiros", Auguste Escoffier. Aos 88 annos. Natural de Villeneuve-Loubet. Trabalhou na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Allemanha.

Em Londres, durante trinta annos, foi chefe da cosinha do hotel Savoy e do Carlton e fundador de uma fabrica de conservas e de um jornal gastronomico: "Le carnet d'Epicure". Na Allemanha, tornou-se o cuca favorito de Guilherme II. Creou receitas, e as mais celebres são: a "Pêche Melba", a "Glace Sarah Bernhardt" e a "Dodine au chambertin".

❖ ❖ ❖

O campeonato mundial de bobsleigh, realizado em meados de Fevereiro em Saint-Moritz (Suissa), foi levantado pela equipe allemã do *skieur* Kilian. Os outros concurrentes foram: Musy e Capadrutt, da Suissa; o marquez Brivio, da Italia; Charlet, da França; Mac Avoy (Inglaterra); Frim e Papana, da Rumania. O bobsleigh é um sport de inverno. Consiste numa carreira desenfreada sobre uma pista de gelo, estreita e sinuosa que desce para um valle.

Cada lado da pista é marginado por uma muralha de neve accumulada. Os "virages" são praticados verticalmente, a uma altura de 3 metros.

Correm-se graves perigos. O peor é ser-se projectado a 100 a hora de encontro aos pinheiros ou receber-se o "bob" sobre os rins.

O "bob" é um trenó que pesa 200 kilos. Comporta quatro logares e ha nelle um volante á disposição do piloto. O quarto logar é occupado pelo titular do "freio". Todos os prognosticos eram pela equipe suissa.

EM Paris, agora, foram introduzidos nos Cafés de luxo assucareiros criginalissimos. São automaticos e funccionam a uma simples pressão dos dedos. O seu preço varia: de 13 a 17 francos.

Acham-se á venda nos joalheiros e casas de louças.

Nas joalherias, aquelles que são considerados objectos para presentes, dada a sua confecção artistica.

❖ ❖ ❖

A morte do Mikado abalou tanto o coração do general Nogi, uma das glorias da guerra russo-japoneza, que elle se suicidou.

Antes de commetter essa condemnavel acção, o general tirou a farda e revestindo a indumentaria de seus antepassados, sentou-se a uma mesa para fazer o seu testamento.

— "Meus restos mortaes — exprimia-se Nogi — segundo o pedi ao barão Ishiguro, deverão ser attribuidos a uma boa escola de Medicina e, no meu tumulo, basta que enterrem meus cabellos, minhas unhas e meus dentes".

CINEARTE
A unica revista exclusiva e completa sobre cinema!
Chronicas
Entrevistas authenticas com as "estrellas"
Informações da Europa
Os mais bellos e originaes retratos de artistas
Enredos dos grandes films
Criticas e commentarios
Futuras Estréas
Cinema Brasileiro
Artigos especiaes sobre todos os angulos de cinema.
HELMUT

O Malho

O REI DOS NOSSOS AÇUDES

E' nas vizinhanças da cidade de Quixadá, no territorio cearense, em pleno coração sertanejo, que está localizado o famoso *Açude do Cedro*, considerado, como obra d'arte e por antiguidade, o maior notavel reservatorio d'agua, do Brasil. Sua construcção data da monarchia, tendo sido seu creador o grande engenheiro Revy. Sua represa colossal se estende por muitas leguas, sendo enorme o beneficio que presta á irrigação de uma grande faixa da terra sertaneja, adusta e penitente.

Um lago de proporções desmedidas — eis o açude nordestino. Durante esses cincoenta e mais annos, o *Cedro* tem sido a providencia viva, o refrigerio constante daquella vasta zona cearense, sobretudo, nas seccas, que, periodicamente, têm assolado aquelle trecho desventurado do Brasil septentrional. Um benemerito, o *Cedro!*

* * *

Pelo aspecto artistico, a obra é pharaonica, ciclopica. Observando-se, do alto da *Serra do Estevam*, que lhe serve, por um lado, de barragem formidavel, o famoso reservatorio dá a impressão de um lago artificial, a que não faltam os encantos de um sem numero de pequenas ilhas, semeadas, aqui e ali, a miniatura de um achipelago interessante e bizarro, em summa.

A's margens, nucleos e nucleos populosos, arraiaes, acampados como vastas tendas de beduinos. Nas seccas, a população cresce assombrosamente. E' todo um mundo de emigrantes, de forasteiros buscando, no deserto de fogo, sob tremenda soalheira, um oasis, uma esperança, uma salvação, emfim. E é curioso — dizem os que já presenciaram o espectaculo desolador — entrar, então, na intimidade com aquella gente nomade, vinda do fundo de todos os sertões adjacentes e, até, de regiões longinquas do Nordeste martyrizado. Cada emigrado tem a sua historia, ou melhor, o seu martyrologio. Ha, porém, muitos que, em meio ao desespero, não perdem o bom humor e são os bohemios do sertão: os cantadores, os bandoleiros, os trovadores de talento e de muito espirito. São os comicos, que suavizam, dess'arte, as agruras da tragedia, trazendo um pouco de distração, de alento e, até de riso, aos que penam, aos que se torturam, coitados!

Fossemos reduzir a compendio a Historia pungente e, por vezes, humoristica, fartamente anecdotica, do açude tradicional, direi melhor patriarchal, neste meio seculo e pouco! Que livro interessante brotaria, vivo e eloquente, daquellas margens, cheias de legendas, povoadas de dores, sacudidas de episodios bizarros!

* * *

Agora, com as grandes obras do Nordeste, com os grandes açudes construidos pela commissão bemfazeja, o *Cedro* continúa a ser, ainda, o principe dos nossos açudes, não sómente pelo direito de antiguidade, como tambem pelas prerogativas preciosas da sua benemerencia e pelo privilegio de suas chronicas immorredouras. Ha outros reservatorios mais importantes, talvez, pela quantidade maior de terras, que fertilizam, pelas acquisições da engenharia moderna que possuem; mas nem um lhe conquista a palma que detem, com justiça, pela belleza das legendas, pela enorme folha de beneficios que espalhou e pela somma de merecimentos que desfruta. Elle está na Historia viva do Ceará, da terra martyr, como o lago de Genebra, nas chronicas da Suissa, como o lago da Lauricôcha, nos annaes do Perú. E' um reservatorio d'agua, é uma providencia viva e é um archivo precioso. Salvé, *Cedro* benemerito!

ASSIS MEMORIA

Embriaguez de verão

HENRIQUETA LISBOA

Céo fulgido, arvores cheias, mar revolto, que desejo de ser como vós nesta manhã de verão, em que pulsaes e esplendeis numa plethora de vida! Céo que distillas claridade por todos os póros, arvores que esbanjaes o verde num milhão de côres, mar que creaste uma infinidade de asas espumejantes, como é fecundo o vosso exemplo de doação, de volição, de transformação! Vento carregado de pollens e de aromas, sol pastoso de ambar a escorrer pelo corpo da terra, borboletas que vindes das varzeas e que lembraes corollas em fuga, sois os poemas, cada dia ineditos, deste livro que o homem não acabará de ler, porque tem as horas contadas, emquanto que tu, Natureza, continuarás pela eternidade a escrever o teu canto.

Como póde o homem, deante desta lição de energia constructora, de desassombro e de paixão, permanecer no tedio e no desanimo?... Desesperança e repouso, que são mais do que a morte antecipada?... E' preciso viver, corações sombrios, que arrastaes as vossas palavras e que vos encerraes entre quatro paredes como entre as taboas de um caixão mortuario. Viver, respirar o ar livre, compartilhar da belleza e da força, gritar mais alto que o clamor das cachoeiras, escandalizar os pródigos atirando pelas janellas o ouro que tendes nos cofres, ir sem temor nas galeras que não pretendem regressar, ter certeza da vida de hoje!

Esquecei as amarguras da alma, esquecei os pensamentos de mysterio e de dôr, as visões acabrunhadas que povoam vossas noites, esquecei, esquecei tudo o que não for a opulencia dos campos, a delicia dos jardins, o tumulto das praias!

Vinde, corações sombrios, vinde commigo ao banquete da Natureza, bebei o vinho azul do céo, enlaçaevos com as trepadeiras floridas, dansae a dansa das ondas e das espumas! Que não se desperdice tanta musica e não se perca tanta clorophylla e não se estiole tanta luz! Tambem devo esquecer, tambem quero participar da symphonia cosmica desta manhã, tambem sei in-
Façamos juntos a ciranda da alegria
ventar o meu bailado de côres!...
em lua de mel, uma ciranda que seja como uma corôa de rosas rodopiando ao vento! Sejamos creanças outra vez, e tão creanças, que os mais despreoccupados exclamem ao ver a nossa ronda phantastica: — "Os corações sombrios enlouqueceram de felicidade!" Ergámos a nossa taça num brinde á vida, á vida que nada nos rouba, á vida que nunca nos faz mal, á vida que é bella como o espectaculo do universo, á vida que promette e cumpre, que conquista e persevera! Ergamos a nossa taça em louvor á vida impossivel, ó corações irmãos do meu!...

Allemanha de Hoje

Monumento em honra aos mortos da guerra

Wilhelmstrasse, vendo-se em primeiro plano a chancellaria do Reich.

Casa "Horst Wessel", que outr'ora se chamava Casa Liebknecht.

"Casa Adolf Hitler", em Berlim

Opera Kroel, Berlim, onde, provisoriamente, funcciona o Reichstag

De Paranaguá á Foz do Iguassú

LIMA FIGUEIRÊDO

Uma das maravilhosas cataratas do Iguassú

Agora que o turismo está em moda, aconselhamos uma viagem de Paranaguá a Foz do Iguassú, atravez do Paraná.

Paranaguá, com suas praias de aspecto selvagem e suas novas construcções, pode ser assemelhada a uma linda indiazinha com uma *toilette* de Greta Garbo.

Depois, de trem se galga a serra do mar. Que maravilha! Oh, genio formidavel de André Rebouças! O competente engenheiro que, ainda no tempo do Imperio, mostrou que os homens se classificam pela massa cinzenta do cerebro e não pela côr da cutis. Emprehendeu obra miraculosa que technicos estrangeiros não se sentiram com coragem de executar.

O gigante de ferro sulca a montanha, contornando-a, varando-a por um tunel e buscando outra encosta atravez dum altissimo viaducto que abarca um profundissimo valle.

O verde da matta pujante; o azul infinito do céu que, ao longe, se confunde com o prateado do oceano; o rendilhado alvissimo das aguas que correm no fundo das alcantiladas ravinas de rocha escura e brilhante, dão ao turista uma alegre polychromia que lhe fere a retina e se guarda na retentiva como um quadro mais completo do artista mais celebre.

Quando se chega a Curityba, a cidade tão bella como o sorriso das coroadas paranaenses, a gente tem vontade de descer novamente a serra para subil-a em seguida, fazendo uma segunda viagem, para que nada se perca de tão imponente espectaculo.

O trem contínúa para o poente em busca de Ponta Grossa — a terra das ruas em ladeira e do "footing" obrigatorio, ao cair da tarde, na rua Quinze.

O ramal que vem de Curityba não continúa para oéste, pois a "princeza dos campos geraes" fica no entroncamento do citado ramal com a ferro-via que une os bandeirantes aos gaúchos.

A viagem continúa para o occidente de automovel. Passa-se por Imbituva — a cidade que dizem possuir carvão, mas que cheira a herva matte; por Prudentopolis — que melhor se chamaria Nova Polonia. Galga-se a serra Esperança, que nada mais é do que o declive do terceiro planalto paranaense e chega-se a capital do sertão — Guarapuava — a cidade sem animo.

Depois vem o povoado de Catanduvas.

A partir desta localidade, o caminho é mais plano e o sólo vae cahindo suavemente para as ribas do Paraná, em busca da Foz do Iguassú — a cidadezinha brasileira onde quasi só se fala o castelhano e o guarany e onde tudo custa "um peso argentino" ou "cem pesos paraguayos".

Ahi se aguarda o naviozinho, geralmente argentino, que faz a viagem de Posadas a Porto Mendes. Apparece-nos garboso o "Ituzaingó" que lembra uma batalha que portenhos dizem terem vencido e que o Brasil affirma não ter perdido. Os juizes variam na sentença e os principaes Tasso Fragoso e Max Fleius teem opiniões diametralmente oppostas. Seria justo um empate — refréga sem vencedores, nem vencidos.

O "buque" encosta desconfiado dos "remolinos" existentes no porto.

As principaes personagens da garrida cidade fronteiriça visitam-n'o: — é a unica distração que possuem, além dos "bailaricos".

Uma mocinha, aliás bonita, senta-se ao piano e toca a "ranchera" *Mate-Amargo*, alegre, saltitante. E a gente não sabe se deve admirar a linda "muchacha" que executa a musica ou os sons maravilhosos que seus dedos produzem sobre o teclado.

Para variar, ás vezes, canta em guarany e a sua voz de velludo encanta, apesar de não entendermos uma palavra: a melodia não tem patria.

Quando a embarcação desatraca e se afasta, um sentimento, que se chama saudade, invade-nos o peito e sentimos que já amamos aquelle prodigioso recanto.

Um lindo trecho da estrada de ferro Paranaguá - Curityba

MAL comparando o Paraná é o typo da escada de abrir: — de um lado, os degraus constituidos pela serra do mar, pela serrinha e pela serra Esperança; de outro, o plano inclinado formado pelo descambamento do planalto guarapuavano, procurando o valle do Paraná.

O viajante que percorrer a formosa escada verá, como Jacob viu em sonho, quando fugia da ira de Esaú, os mais lindos adornos com que Deus engalanou a terra.

A configuração do terreno paranaense permitte que se observem as cousas mais estravagantes que se possam imaginar. Cito uma : o Iguassú nascer nas proximidades do mar e correr kilometros e kilometros terra a dentro, para despejar suas aguas no barrento Paraná. E que trabalho teve o Iguassú. Cavou seu leito nas serras que impediam seu desenvolvimento na direcção do sol e poude assim passar do terraço curitybano ao dos campos geraes e deste ao guarapuavano, rolando no fundo de uma calha rochosa que, hoje, se empina em grande altura. As corredeiras, os saltos e as cachoeiras se succedem, exhibindo a reacção do terreno contra a decisão do Iguassú de caminhar para o occidente. Quasi na foz, o terreno arma uma armadilha ás aguas da caudal, obrigando-a a cair duma altura de cerca de 80 metros: — são as cataratas de Santa Maria.

Outro rio interessante é o Itararé. Ás vezes, fica com medo da luz solar e se esconde, fazendo sua rota subterraneamente.

O Itararé que tem a fama de attrahir revoluções para suas ribas, é tambem um rio crivado de bellezas naturaes, pelos magnificas grutas que apresenta no seu accidentado curso.

Se chamassemos o Paraná de ninho da hulha branca não errariamos, pois devido aos cursos exquisitos de seus rios, a todo momento se estão vendo lindas cachoeiras ou saltos, cujas aguas caem como se fossem tenuissimos véus de noivas.

Não ha um só rio que não seja encachoeirado. E por uma causa cosmica qualquer, que não conhecemos, naquelle recanto ficam dois saltos de fama mundial: — os de Guahyra e os de Santa Maria.

No inferno chinez ha uma curiosa burocracia. A gravura reproduz o registro onde são consignados os nomes das victimas.

Uma victima das gehennas chinezas, arrastada por um monstro metade homem, metade porco.

O INFERNO DE DANTE E' INVENÇÃO DOS CHINEZES ?

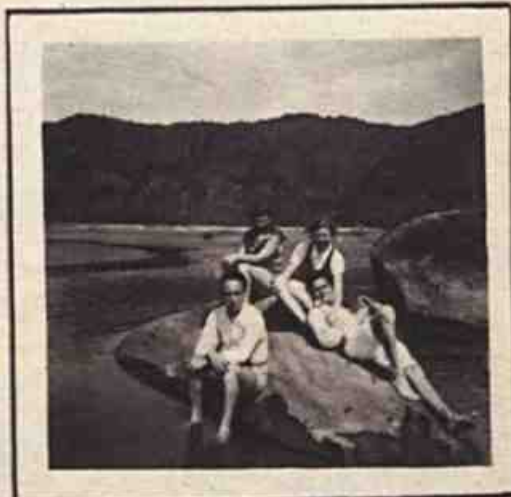
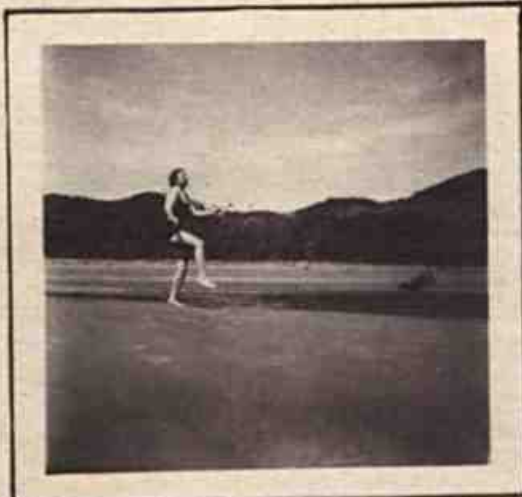
O cerbero da mansão dos supplicios eternos, impedindo a fuga dos sentenciados.

PARA os chinezes, reivindica-se, neste momento, a gloria de haverem imaginado, antes de Dante, o inferno, tal como está pintado, nas paginas immortaes da "Divina Comedia". E não se limitaram a imaginar assim a Casa de Belzebuth e o reino dos tormentos eternos. Tambem tiveram a idéa de graval-o em estampas anteriores ao XIII seculo que se descobriram recentemente e pelas quaes se vê que os chinezes tinham, antes do grande poeta florentino, a visão dantesca do inferno. Mas não é só isso: por ellas tambem se vê que os amarellos "descobriram a America, inventaram o papel, a Imprensa, a polvora, a bussola", etc.

Nos cyclos infernaes o Dante poz todos os seus inimigos, condemnando-os aos peores supplicios e cada qual distribuido equitativamente, de accordo com o merecimento. A idéa da burocracia infernal e da divisão por categorias dos penitentes vê-se, de facto, nas estampas sinicas. Mas em todas as religiões existe a idéa da recompensa aos bons e do castigo aos maus, depois da morte.

Mikie apresenta-nos aqui o Satanaz dos Chins, o principe das Trevas. Tem cara de um mandarim pacifico de 1ª classe... O diabo-mór tinha por ajudante uma mulher, encarregada do archivo e do fichario dos condemnados, que eram arrastados por monstros, metade porcos e metade homens — homens e porcos com chifres — entre as chammas de proporções espantosas. O guarda principal do inferno chinez tinha a missão de impedir que os sentenciados fugissem. As penas mais duras eram propinadas ás mulheres adulteras. (E ainda hoje, o adulterio é severamente punido no paiz do Sol). Os castigos resumiam-se na ablação da lingua pelo marido enganado, ou no desventramento da infiel. Os mentirosos e falsarios soffriam tambem penas horrososas. O supplicio da crucificação e do empalamento, por exemplo.

Mikie, num preito á raça branca, defende o autor da insuperavel "Divina Comedia", assertando que "a visão do inferno dantesco é de Dante", sem tirar nem pôr.

NA PRAIA DE PEREQUÊ

O que não falta ao Brasil são praias maravilhosas, onde o oceano se estende, com preguiça. Uma dessas é a de Perequê, em Santos. Vemos aqui varios aspectos desse recanto pittoresco do littoral paulista, onde uma legitima gymnasta executa ao sol, exercicios bonitos. E depois, foi descansar entre os amiguinhos...

A ABERTURA DO CASINO ATLANTICO

Surgiram mais tarde no "grill-room", agglomerado das figuras mais representativas da nossa sociedade, as interessantes "girls" americanas que empolgaram completamente os seus espectadores.

O banquete aos jornalistas cariocas

A inauguração do Casino Atlantico no posto seis de Copacabana redundou num verdadeiro acontecimento mundano. Antes das 20 horas era realizado o grande banquete offerecido pela directoria do Casino aos jornalistas cariocas e precisamente ás 21 horas eram franqueados ao publico os seus vastos e luxuosos salões.

Uma das mesas no "Grill-room"

MANOBRAS de TERRA e MAR

O amor é um combate *simulado*... sobretudo por parte das mulheres.

— ☆ —

A mulher é uma *praça forte* cuja victoria consiste em ser derrotada. Se houvesse no mundo, uma mulher definitivamente inexpugnavel, ella seria a vergonha do genero humano...

— ★ —

A *declaração de guerra* é, precisamente, o inverso da declaração de amor: a primeira é sempre anterior ao rompimento das hostilidades; a segunda, só se deve fazer depois das *grandes manobras* de quadros...

— ★ —

O exercito que se deixa envolver e a mulher que se deixa abraçar estão irremediavelmente perdidos...

— ★ —

A sogra é uma *bateria mascarada*: hostiliza, de longe, o futuro genro — e não pode ser combatida, mesmo depois de descoberta, por causa da proximidade pacifica do sogro (principio de neutralidade internacional).

— ★ —

A espionagem é a *televisão* dos Estados Maiores. Um Estado Maior sem espiões é um Estado Maior amaurotico. Ver — só é perigoso quando se está apaixonado...

— ★ —

As tias velhas são *aviões de reconhecimento*: servem para localizar as posições inimigas. Toda tia velha é uma especialista em *aerotopophotographia*...

— ★ —

Uma mulher, quando se sente atacada, finge, em primeiro logar, uma *retirada estrategica*. Não olha, sequer, para o inimigo e assesta as baterias dos olhares em direcção absolutamente opposta à delle. Mas, a verdade é que ella se sentiria profundamente humilhada se este se retirasse sem gastar... *munição*.

— ★ —

Uma victoria é tanto mais agradavel quanto menor foi o numero de "cartuchos" que se dispendeu (axioma infallivel em guerras e em abores).

— ★ —

"Toda praça forte se rende: tudo é questão de mais ou menos munição" (pensamento de um general, perito em mulheres e batalhas).

— ★ —

Muitas damas lembram os castellos medievaes: exigem assedios longos para se renderem. Gostam de se ver cercadas e bombardeadas durante muito tempo, embora estejam louquinhas para se entregarem com armas e bagagens (mais armas do que bagagens, infelizmente...) Com essa mania muitas dellas têm arruinado exercitos inteiros: quando a tropa chega a installar-se, já não pode manter as posições...

— ★ —

O galanteio é um velho recurso estrategico, que sempre dá resultado nas guerras do amôr. Donde se conclue que as mulheres não progrediram nada, em materia de intelligencia...

— ★ —

As solteironas são fortalezas que soffreram a supprema ignominia de não ser assaltadas...

— ★ —

Consentir em *parlamentar* é meio caminho andado para perder a guerra...

— ★ —

A uma mulher só é possivel *pensar*... ferimentos. Enfermeira, s i m; philosopha, nunca!

As creanças e as empregadas da casa são os melhores *agentes de ligação*, entre um sitiante ousado e uma praça forte retrahida...

— ★ —

Em amôr, os triumphos são mais ruinosos do que as derrotas...

— ★ —

"Não adianta atirar muito: o que importa é acertar o tiro" (pensamento de um artilheiro consciencioso).

— ★ —

O dinheiro dos paes e o *alvo* dos atiradores sem vergonha que lhes conhecem as filhas, por mais pretas que estas sejam...

— ★ —

Penetrar na casa da namorada com a apresentação de uma parenta velha da familia é effectuar *um desembarque de tropas, sob a protecção dos canhões da esquadra*...

As mães, boas e prudentes, compõem as *formações sanitarias*, nas guerras de movimento: só intervêm quando é preciso pensar um ferido ou consolar um desenganado...

— ★ —

As guerras e os amôres, quando se prolongam demais, arruinam as nações e desgraçam os individuos...

— ★ —

Elogiar a intelligencia do pae, a belleza da mãe e o bom senso das tias da moça é pôr em pratica o systema do *fire controle*: concentração de fogo, num mesmo sentido... Não ha coração que resista...

— ★ —

Quando o pae do namorado é mordido, á hora de uma visita solemne, pelo cão policial da casa da moça requestada, diz-se, em linguagem technica, que *"uma grande unidade foi attingida por um torpedo submarino"*.

— ★ —

A sogra é como uma mina perdida no fundo do mar: pode explodir a qualquer momento, mesmo depois que a guerra acabou...

BERILO NEVES

GLEBA DE MALDIÇÃO

OS nossos cavallos estacaram á beira do *Caiamé*, que corria borbulhante e apressado. Na margem opposta um renque de arbustos esgarçados cobria o barranco. e atravez dos arbustos surgiam, na espalhada melancolica do poente; silhuetas de palmeiras, casas longinquas, trechos de floresta, manchas claras de lagos luzindo sombriamente.

Jeronymo, o meu guia, examinava a torrente, firmava o olhar na outra margem e declarava, seguro:

— Podemos passar. O senhor venha sempre atraz de mim e não tenha medo.

Eu interrogava-o, apprehensivo:

— Passar? A cavallo? Não será imprudencia, com o rio cheio?

Elle reaffirmava, lançando com impeto o animal:

— Podemos passar: não ha perigo!

Apesar da affirmativa e do arrojo com que se arremettera agua a dentro, senti um breve calefrio. O meu cavallo não esperou que eu o esporeasse: moveu sofregamente a cabeça e marchou tambem atraz do Jeronymo para a caudal que rugia.

Não sei quanto tempo durou a agoniada travessia. Jeronymo á frente gritava-me, dava-me animo, dizia que o medo é que faz o perigo (eu pensava justamente ao contrario). Mas avançavamos, rompiamos as aguas frementes que subiam, attingiam o ventre dos animaes, as costellas, a *lua* da sella, como se quizesse devorar-nos, emquanto o vehemente bramido da correnteza trazia aos meus ouvidos insupportavel atordoamento e dava-me a impressão de ser arrastado na voragem revolta.

Percebi depois que a profundidade diminuia e que o animal, mais tranquillo, caminhava, emergia lentamente. Emfim, num allivio delicioso, galgavamos o barranco.

A noite descera, muda e fria. Por toda parte vagava um largo socego de ermo, perturbado apenas pelo surdo rumor do *Caiamé* rojando nos pedregulhos.

Só então, no silencio e na treva que nos envolviam, o meu guia, num immenso desabafo, contou o acerbo caso que o traspassava. Fôra buscar-me á villa dizendo a toda gente que o pae adoecera. Mas não era a verdade. E acabrunhado, baixando a voz, soltou a amargurada confidencia:

— Eu não queria que na villa se soubesse da minha desgraça. Só depois da minha vingança. Depois, até o diabo pode saber!

Calou-se um momento, os olhos parados e humidos, perdidos na escuridão. E num grave, pungente desafogo:

— Eu matei um homem!

Ao choque da inesperada revelação, fiz parar subitamente o cavallo:

— Matou um homem? E por que veiu buscar-me? Que tenho eu com essa morte?

Elle parou tambem:

— Fui buscal-o para ver se pode ainda salvar esse homem. Não tenho certeza se o matei. Deixei-o nas fundos da casa estirado, a gemer, ferido com uma bala do meu rifle. E esse homem era o meu unico amigo no mundo. Era meu pae!

Tão grande foi o meu pasmo que nem tive mais uma phrase de espanto. Jeronymo observava o meu assombro: approximou-se, pediu-me angustiadamente que o seguisse. Pelo caminho, duas horas de trote, contar-me-hia o drama sinistro.

Marchámos, trotámos, então, pela estrada, sob a negrura das frondes. Depois deixámos a matta e desembocámos na liberdade dos *campos geraes*.

Ahi, no descampado, no absoluto silencio da solidão, Jeronymo desfechou a sua cruciante narrativa.

Havia dois annos que comprara o *Caraná*, uma fazendinha antiga á beira de um igarapé em frente ao *lavrado* que se desdobrava até as distantes serras do Amajary, mesmo no coração dos pampas do Rio Branco. Apesar, porém, da seductora paizagem, da fartura do pasto e do pomar em torno da casa, tinha a soturna fama de malaventurada, desde que o seu primeiro dono fôra devorado pelas onças. Mais tarde outro caso nefasto confirmara a má sorte: um vaqueiro enforcara-se numa arvore do pomar, como se fôra tomado de subita allucinação.

Mas Jeronymo não acreditava nas desditas das propriedades ruraes. Offereceram-lhe o *Caraná*; comprou-o; casou-se e foi viver na Fazenda com a mulher e o pae.

Durante dois annos trabalhou bravamente. E se não fosse o escarpado temperamento da mulher, a falta de filhos e o duro capricho do pae que teimara em viver do salario e se agasalhara num ranchinho de palha ao fim do pomar — a sua vida correria feliz.

Ultimamente, porém, vivia mortificado. A mulher tornara-se cada vez mais aspera, mais aggressiva, praguejando e emmagrecendo. O pae adoecera de rheumatismo e mettera-se de vez no ranchinho, mal humorado, com um odio terrivel á nora.

Esse odio augmentava singularmente; e uma noite elle defendeu vagamente a esposa. Ao terminar, porém, a defesa viu que seu pae se encolerisava, crispava as mãos, rosnava severamente:

— Você defende! Defende essa cascavel? Ah! Mas um dia ha de ver que tenho razão!

— Por que? Que odio!

— Não lhe posso dizer agora. E' uma cascavel que nos morderá. Nunca me engano!

Jeronymo suspirou largamente ao chegar a esse trecho da sua historia. Alteou o peito como se o comprimisse, immensa e implacavel, a propria noite que nos cava.

Passou a mão pelo rosto e proseguiu penosamente.

Um dia, uns dois mezes depois desse dialogo com o pae, elle foi procurado no campo por um vaqueiro, o Antonio Gama, seu amigo, homem de crespas maneiras, mais rude que um pôtro bravio. Antonio saudou-o, e mesmo montado, lhe foi dizendo com a costumada ferocidade.

— "Olhe, Jeronymo: eu não aguento mais este aperto na garganta, desde ante-hontem. Você sabe que sou seu amigo e não sei mentir. Pois ahi vai! Maria, sua mulher, vae se encontrar com o João Pindoba, todas as noites emquanto você está dormindo. Isso é uma miseria! Essa peste devia morrer esfaqueada!"

Disse isso ferozmente, com os modos de quem recebe a peor das offensas. Apertou as redeas do cavallo, rodou, partiu a galope campo afóra.

Nessa mesma noite Jeronymo violentamente emocionado, agasalhou-se na rêde e ficou de olhos escancarados, varando a escuridão da alcova, contendo o medonho furor que o estrangulava. Já tarde, pela madrugada, percebeu que a mulher se levantava, descalça, cautelosa, e sahia do quarto. Dos fundos do pomar vinha um ruido prolongado e estridente, como os guisos de uma cascavel.

Viu a esposa sahir, ergueu-se, tomou o rifle, partiu, meio allucinado. A porta que dava para o pomar estava entreaberta; empurrou-a, esgazeado, transtornado, terrivel, perfurando as trevas do pomar. E de subito, á distancia, junto a um tronco de arvore, viu dois vultos. Não se poude dominar e gritou desvairado:

— "Infames! Canalhas! Vou matal-os!"

O casal correu, escondeu-se entre as arvores. Nesse instante outro vulto corria tambem, e elle começou a caçada tragica, o rifle engatilhado. De repente vê adeante, proximo ao igarapé, o perfil da esposa, e logo atraz um homem que a seguia. Levou a arma ao rosto, atirou no homem que cahiu instantaneamente de bruços, á beira d'agua. A mulher desapparecera.

Ao terminar, assim, sua narrativa, Jeronymo quedou-se um momento. Os nossos cavallos haviam deixado de trotar e seguiam a passo, sentindo as redeas soltas.

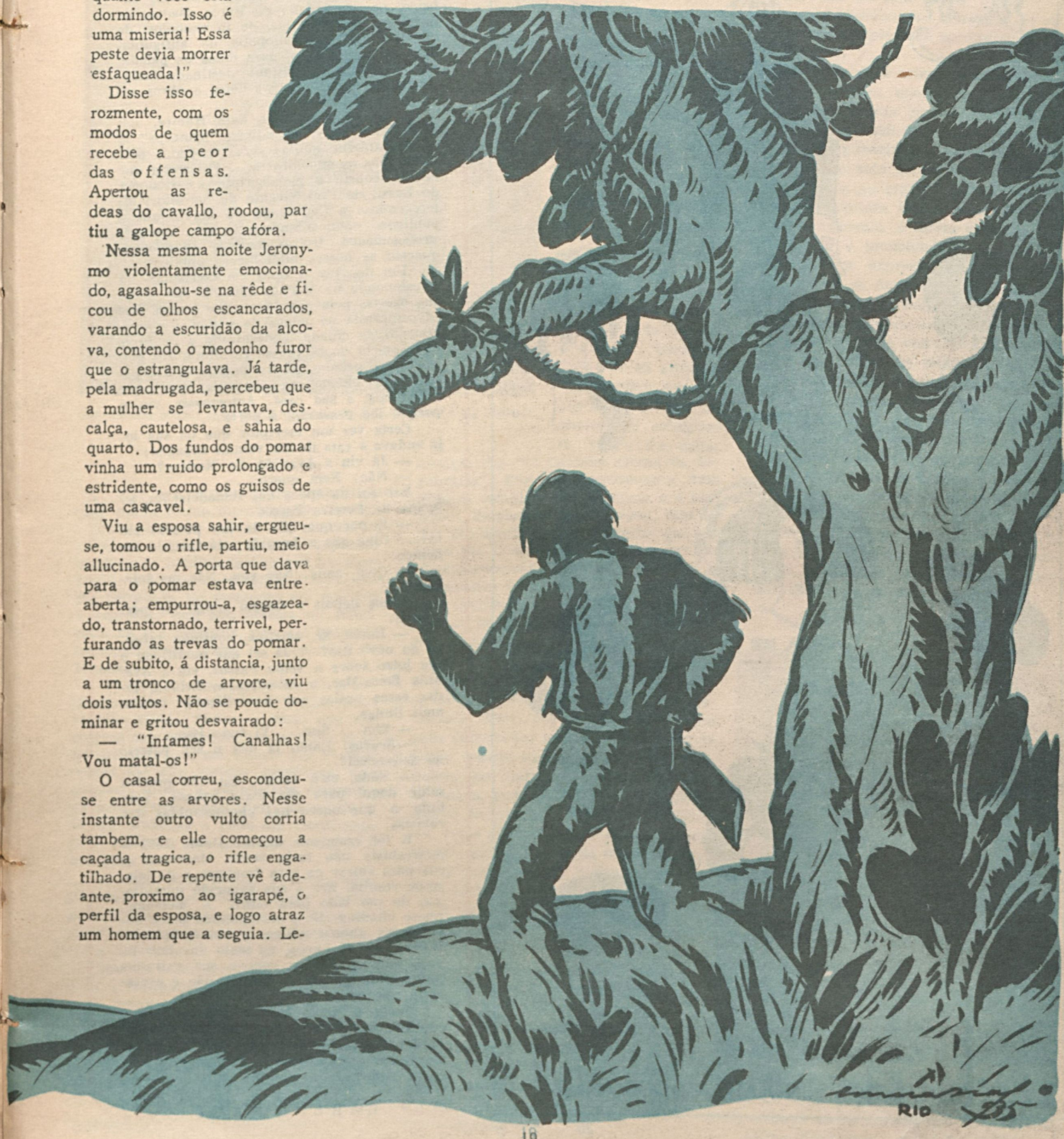
Elle concluiu entre soluços:

— Clareava o dia quando, angustiado, fui ver o homem que eu derrubara com um tiro. Reconheci-o logo, mesmo sem ver o rosto. Era meu pae! Meu pae que se lançára tambem sobre minha mulher, para vingar a minha honra. Não falava, mas vivia ainda, e não largara o punhal que levava na mão. Conduzi-o para o seu rancho, fui chamar o Antonio Gama e depois parti em desespero para a villa.

Pouco depois chegavamos ao *Caraná*. Ao nosso encontro veiu o Antonio Gama, que nos avisou gravemente:

— Morreu logo depois. Antes de morrer segurou a minha mão e disse baixinho: "Matem a cascavel"... Vingança..."

AURELIO PINHEIRO

O PENTEADO FEMININO ATRAVEZ DOS ANNOS

UM INIMIGO DA NOVIDADE

O velho alfarrabista Martins Ribeiro era uma das mais bizarras personalidades do nosso mundo livresco. Conhecedor profundo do seu commercio, pela sua casa passavam os bibliophilos e bibliomanos avidos de cousas raras, certos de que elle, com o faro especial de que o dotara a natureza, lhes reservava sempre um regalo surprehendente.

E assim era, com effeito. Martins Ribeiro, na sua cidade de livros usados, de in-folios, de brochuras, de incunabulos, de cimelios, na sua Bibliopolis de antiguidades, vendia de tudo, para todos os paladares, mas tinha uma estante destinada exclusivamente á Historia brasileira e obras sobre o nosso paiz.

Quem quizesse um Saint-Hilaire, um Staden, um Lery, em edição "princeps" lá os encontraria, muitas vezes rendados pela traça, mas os encontraria... Foi assim que elle descobriu o manuscripto da Historia do Brasil de Frei Vicente do Salvador, offerecendo-o a Capistrano de Abreu, que o publicou commentando-o com eruditos prolegomenos. Outras dadivas suas enriquecem as nossas bibliothecas publicas.

Um dos traços mais caracteristicos da physionomia de Martins Ribeiro era o da sua ogerisa pela novidade. Elle levava essa idyosincrasia ao ponto de evitar o conhecimento da cidade modernizada e de fugir ao contacto do progresso residindo em pleno centro urbano. O seu mundo, a sua patria, a sua cidade, era a sua rua, menos que a sua rua, a sua casa. Automoveis, viu-os porque lhe passavam á porta.

Certa vez um escriptor que na sua loja andava á cata de um volume indagou:

— Já viu a Avenida, Sr. Martins?...

— Não. Nem quero...

Isso foi na época das remodelações, ao tempo de Pereira Passos.

— E por que não dá um passeio até lá?... Olhe que a Avenida está ficando um brinco...

— Qual, nada. Não vou. Não me interessa...

Annos depois o mesmo amigo lhe perguntou:

— Então, Sr. Martins, continúa inimigo do novo Rio?... Já sei que modificou o seu juizo sobre o velho Passos, viu a Avenida Beira-Mar, a Atlantica, o Leblon, todas essas praias que a civilização tornou mais lindas...

— Sim... Sim... Vi tudo isso...

—Bravos! Então já deu o seu passeio de automovel?...

— Nada, meu amigo. Eu não preciso sahir daqui para ver essas cousas. Vejo tudo o que quero nas photographias das revistas.

E foi realmente assim. Desde 1892 o alfarrabista não fazia senão atravessar a rua para entrar na casa fronteira á da loja, onde residia. Era a sua excursão quotidiana, de um lado para outro. A metamorphose citadina elle a acompanhou pelos documentos photographicos e iconographicos. Morreu aos 86 annos, no meio dos seus livros empoeirados, e com a sua extranha philosophia de que ao homem não é necessario ver tudo a olho nu.

Teria o velho Martins Ribeiro lido o capitulo das "Confissões" em que o sabio doutor Santo Agostinho nos fala da "concupiscencia oculorum", no peccado da curiosidade?...

CARLOS MAUL

A ARTE DA ESCULPTURA

Um relevo grego do seculo quatro A. C. — do livro de Jagger

A arte é a expressão da experiencia numa fórma directamente communicativa. A belleza é a medida de valor da experiencia e deve depender tambem da habilidade com que for mostrada. O artista deve sentir a experiencia retratada no momento em que elle a expressa; esta não precisa ser rebuscada na sua memoria, pois é o bastante transparecer — como as apparições de Picasso.

Picasso vê, diz elle, pelos outros, podendo assim collocar sobre a téla essas rapidas visões. Todas as vezes que elle começa um quadro, sente-se como si se tivesse atirado a um vacuo. Elle vê descerem até elle, ordens superiores, exigencias. Então a experiencia expressada pelo artista póde advir-lhe emquanto elle trabalha e póde ser modificada pelo material em que elle executa a sua obra.

A rima póde mudar o rumo dum poema. A necessidade duma janella póde alterar a planta duma casa. A ressistencia do marmore deve circumscrever a liberdade da visão do esculptor.

Mas se esses accidentes contribuem para o engrandecimento da arte e não para deturpal-a, elles só agem assim pelo inspirado opportunismo do artista. Se elle fizer successo, sua experiencia deve crescer á proporção que elle trabalha e derivar a vida do seu material. Sómente então, os versos de Theophile Gauthier tornam-se verdadeiros:

...l'œuvre sort plus belle
D'une forme au travail
Rebelle
Vers, marbre, onyx. émail.

E o seu conselho:

Sculpte, lime, cisèle
Que ton rêve flottant
Se scelle
Dans le bloc résistant.

Parece ser essa a razão por que a approximação de Sargeant Jagger é mais real que a de Herbert Maryon. Sargeant Jagger dá sómente uma simples descripção dos processos technicos da esculptura, seguida duma analyse das "12 Grandes Obras da Esculptura". Elle dá simplesmente uma idéa da relação entre o artista e o material. Emquanto que Maryon, falando dos oito attributos do esculptor, que são a seu ver — estudo da natureza, esculpir espontaneamente, unidade, caracter e sentimento, força, vida e movimento, effeito decorativo e estylo ou equação pessoal — deixa transparecer o quão falsos são esses preceitos.

O bom e o máo na collecção que elle escolheu para reproduzir, misturam-se indiscriminadamente; mas o mal predomina tanto, por vezes, que é como para demonstrar uma completa falta de noção quanto ao fim da arte. Sargeant Jagger, por outro lado, familiarizando-se com a parte technica da esculptura, foge á theoria; e o seu gosto evidencia um certo discernimento nesse sentido. Os exemplos da moderna esculptura que elle produz, deviam, comtudo, ter sido continuados.

A esculptura póde, em summa, ser classificada junto com a architectura, como a mais objectiva das artes e, portanto, a que mais depende do moterial. A musica, por outro lado, é a mais subjectiva: as experiencias que ella expressa não têm vida exterior. Porém, os mesmos principios seguidos na composição dum inspirado trecho de musica são os seguidos no plasmar duma obra de esculptura.

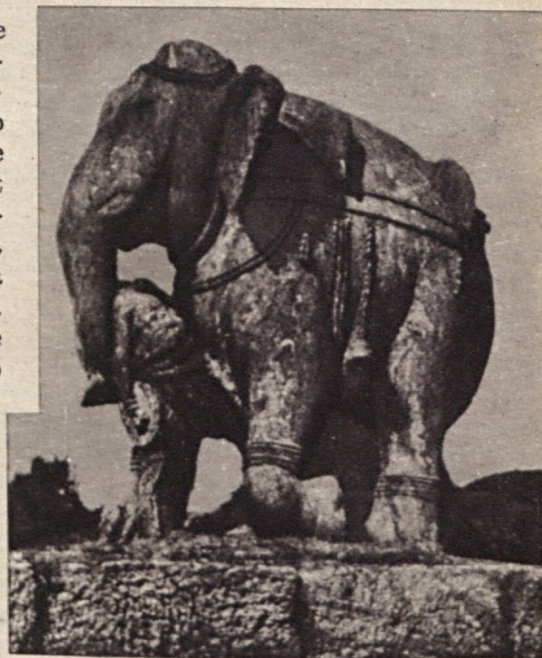
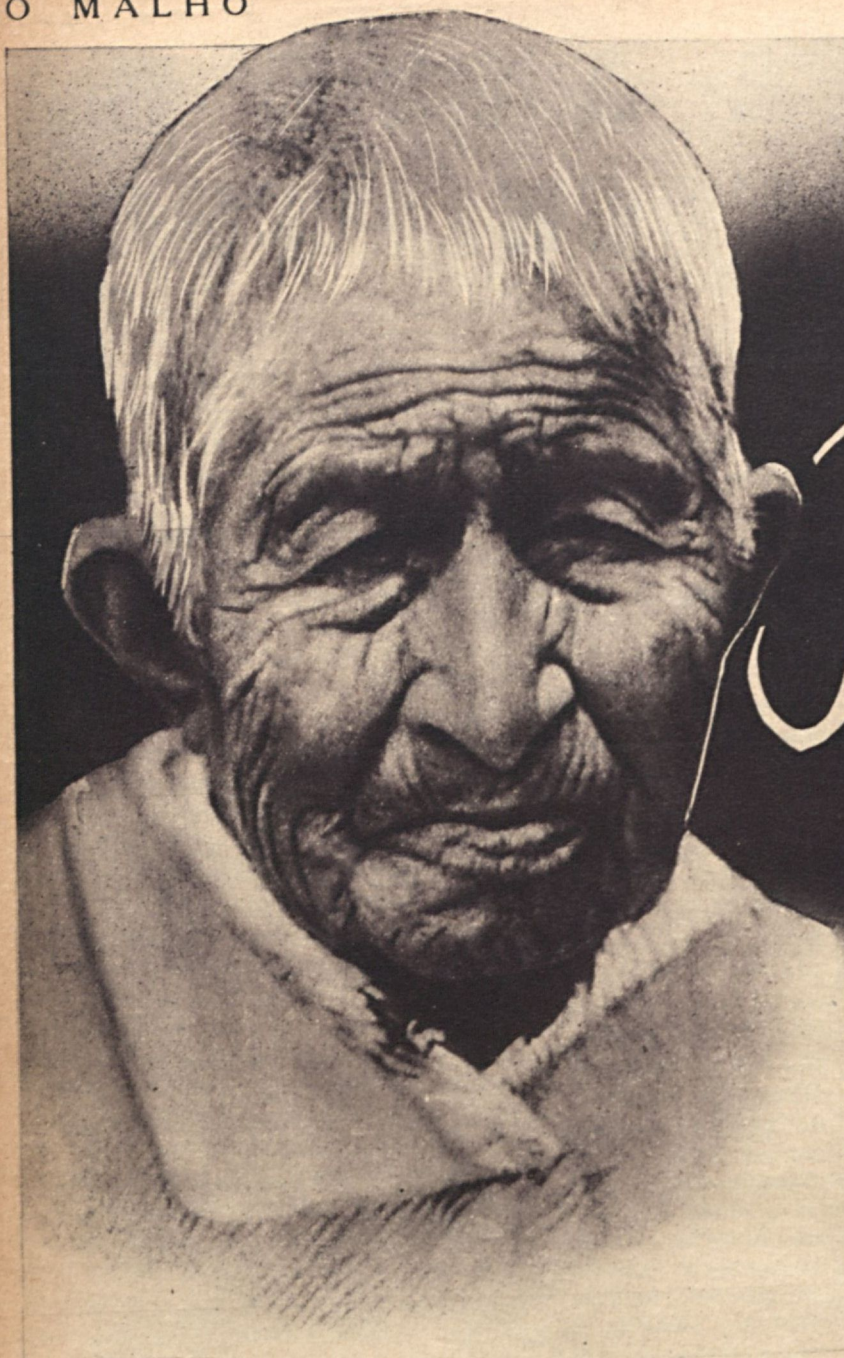
Em ambos a experiencia — o vivo sentimento do som ou da fórma — é posta da maneira por que póde ser directamente expressada ao ouvinte ou ao observador.

E estas duas artes oppostas correspondem-se bem, quando as fórmas visuaes que muitas pessoas percebem ao ouvir musica, são tomadas em consideração. Ha possibilidade duma nova arte plastica, ou pelo menos um desenvolvimento novo na pintura, para o futuro.

A esculptura sendo capaz de suggerir movimento, é talvez pela sua durabilidade e immobilidade a arte que póde melhor expressar as regiões da mente que se destinam, especialmente, á contemplação do bello.

A decadencia da esculptura, desde a edade da fé, póde muito bem ser attribuida ao declinio da religião como fonte de inspiração. O paganismo do mundo classico ou da Renascença, e o austero mysticismo da era dos Gothicos eram capazes de excitar o artista a animar algo na pedra ou no bronze.

A inspiração da moderna esculptura, digna do nome, é baseada numa nova comprehensão do mundo que é mystico no intenso amor á verdade. E, se a isso juntar-se uma divina experiencia, o bloco de barro poder-se-á tornar uma obra de arte.

BRYAN GUINESS

Elephantes no Templo de Khanakha, India, 13.º seculo — E' natural que os esculptores da India se inspirassem nos elephantes, com a sua fórma gigantesca e suave de linhas.

Rugas...

HA um verso de Dante, em que elle chama á Velhice a estação mais triste da Vida. O crepusculo de uma existencia é sempre doloroso. Momento tragico em que os que não venceram se sentem desencorajados para novas competições, para outras lutas. Arriam-se, de bôrco, nos bancos e desesperam-se a desejar o Fim. O doloroso Occaso de tudo, um triste occaso, um melancolico pôr de sol sem esperanças, sem sonhos, entremeado apenas de pesadellos sombrios. As Rugas chegam a esse tempo. Chegam inesperadamente, sem que se espere. Afeiam o rosto e enchem-nos de desillusões supremas. Ha quasi sempre um velho que se encontra a esmolar nas ruas, a barba por fazer, a testa cingida de rugas, trazendo estampada nos olhos a lembrança feliz de um sonho que viveu. Apenas o passado fala por elle, evocando os dramas felizes, os rapidos instantes em que a Felicidade passou por elle, de leve e nem o viu depois na escalada vertiginosa sobre as urzes e os espinhos do caminho.

Antonio Liborio, portuguez. 88 anons. Desenganado. Um ar de quem não espera mais da Vida.

— E tive tudo, Senhor! Mas de repente a Vida desandou. Os negocios se foram. Perdi tudo. Humilha-me pedir. E' tão desagradavel o se estender a mão em nome de Deus. Nem faz a menor idéa do que seja isto! Soffre-se tanto. Porque ha quem creia na nossa miseria, e ha os que não acreditam na mesma. Os guardas estão na ultima categoria. Arrastam-nos como se fossemos mulambos, entraves verdadeiros á existencia dos ricos.

Não ha nem logar para se pedir. Brigam e se damnam com a gente.

E eu fui feliz! Mas nem os filhos me querem. Preferiram o jogo e se perderam, foram na correnteza da Vida!

Manuel Vieira se queixa das rugas, que elle diz serem o promptuario do rosto dos velhos. Registram todas as tragedias, todos os dramas, todas as lutas, todas as desesperanças. Encontramol-o a vagar na praça Tiradentes, numa especie de delirio ambulatorio. Triste. Os olhos longinquos. Distantes. Foi um

Com toda a velhice, ainda fez a sua "pose" para a objectiva.

custo arrancar-lhe palavra. Obstinava-se num silencio aterrorisador. Depois veiu a falar:

— "A Vida, meu amigo, é tão dura! Aos sabbados, côlho mais alguma cousa. E' tão triste envelhecer-se em plena miseria! Custa a chegar a libertação ambicionada que vem a ser a Morte! Demora tanto . ."

André Freitas. Esteve muito tempo numa fabrica. Viveu ali muitos annos. Depois a velhice fez com que não pudesse mais trabalhar. Teve de sahir. Na vespera de deixar o emprego esteve em pedir ao gerente que lhe permittisse demorar mais alguns annos. Verdade é que não dava mais para cousa alguma. Estava tão cançado. Era inutil o seu serviço na cordoaria: já não tinha mais forças.

Depois, sahir significava fome. Ir-se-ia por ahi, sem rumo, ao Deus dará. Que saudades do apito da fabrica quando entravam todos, com os seus embrulhos onde o pedaço de carne fria estava entre as duas bandas de pão. Porém o gerente não o attendera; o que elle ainda poderia fazer, se já nada mais fazia e o estavam tolerando por commiseração.

— "O Sr. nem calcula a tristeza de quem vae se acabando. O tedio de tudo isso. Eu ás vezes ensaio algum serviço, cousa que não dá muita consumição, vou comprar jornaes velhos. Mas depois a renda é insignificante...

Não dá para cousa alguma. E' preferivel esperar da piedade alheia. Muito mais acertado. Porque ainda ha quem se condôa de um velho que peça esmolas, principalmente as mulheres e os moços. As mulheres o fazem pelo coração e os moços com pavor de envelhecerem, o pavor de chegarem ao epilogo da vida, onde todos vão ter, uns mais ricos, outros como eu, sem nada mais que a espera de uma cova quando acabar tudo".

— Restos de Vida. Restos de Existencia apenas, meu amigo e que custam a passar.

A ronda dos desgraçados é infinita e bem triste. Da bocca da maioria é facil ouvir-se o "refrain" dolorosamente emotivo:

— Eu tive um filho que era toda a minha esperança! Mas a Vida, a Vida...

Ou, então:

— E o que me magoa é não saber quando acabará esta tragedia immensa, em que eu não sei que papel ando a fazer.

— A Vida, ah! se eu tivesse coragem de poder fugir, enganal-a, e desapparecer de uma vez!

Os homens que vivem por ahi como sobras, como intrusos, cobertos de rugas e de cabellos brancos, têm um aspecto inédito de amargura, que a gente nem percebe quando passa nas ruas e os vê encolhidos, pelas calçadas, como sombras errantes do Destino.

E ali no banco do jardim humilde, contou-nos a sua historia melancolica

E' uma ronda allegorica que parece um terceto angustioso da Divina Comedia, escripto por Dante, com a experiencia de uma infinita amargura da Vida.

Desilludido porque teve de sahir da fabrica onde envelheceu.

Num grande ar de desengano pelo resto da Vida

DE CINEMA POR MARIO NUNES

Stan Laurel e Oliver Hardy em "Era uma vez dois valentes"

WALDEMAR Torres traz, ainda, nos olhos, o encantamento de Hollywood. A Metro-Goldwyn-Mayer proporcionou-lhe dois mezes de ferias... nos Estados Unidos e elle os soube aproveitar, encharcando-se da alegria de viver... Mas queriamos falar ao chefe da publicidade da M. G. M. no Brasil e não ao turista e elle promptamente acedeu.

— A producção deste anno pelo que vi nos studios ou já em exhibição em nada se parece com a dos annos anteriores: é melhor. Continuam nossos, muito nossos, Greta Garbo, Clark Gable, Joan Crawford, Norma Shearer, Maurice Chevallier, Jeanette Mac Donald, Wallece Beery, Ramon Novarro, Jean Harlow, Ann Harding, Charles Laughton, Stan Laurel e Oliver Hardy (o Gordo e o Magro)

W. C. Fields em "David Copperfield"

Robert Montgomery, Myrna Loy, William Powell e outros, muitos outros sendo difficil — e com orgulho o digo — que outra marca sobrepuje o Leão em fulgor de elenco...

— A producção acompanha o valor dos artistas. Não perderei tempo em elogial-a. Prefiro enumerar aqui titulos e interpretes. Que cada leitor de "O Malho" sonhe, lendo-os, o maximo. Verá mais tarde que o sonho ficou aquem da realidade. Eil-os:

Norma Shearer

"A FAMILIA BARRET" — Norma Shearer — Fredric March — Charles Laughton.

"VIUVA ALEGRE" — Jeanette Mac Donald — Maurice Chevalier — Direcção de Ernest Lubitsch.

"O VÉO PINTADO" — Greta Garbo — Herbert Marshall — George Brent — Direcção de Richard Boleslavki.

"ERA UMA VEZ DOIS VALENTES" — Stan Laurel e Oliver Hardy comedia de longa metragem.

"DAVID COPPERFIELD" — W. C. Fields — Leonel

Este será o anno da Metro...

Barrymore — Lewis Stone — Madge Evans, Maureen O'Sullivan — Edna Mae Oliver — Frank Lawton.

"FORSAKING ALL OTHERS" — Joan Crawford — Clark Gable — Robert Montgomery — Direcção de W. S. Van Dyke.

"SEQUOIA" — Jean Parker.

"WEST POINT OF THE AIR" — Wallace Beery — Robert Young.

"CHANTAGE" — Myrna Loy — William Powell.

"UMA NOITE ENCANTADORA" — Ramon Novarro — Evelyn Laye.

"RECKLESS" — Jean Harlow — William Powell — May Robson.

"VANESSA" — Helen Hayes — Robert Montgomery.

"AFTER OFFICE HOURS" — Clark Gable — Constance Bennett.

"CONFISSÕES DE UMA SOLTEIRA" — Ann Harding — Robert Montgomery.

"A PROMESSA DE UMA MÃE" — Mady Christmans.

— E' claro que citei apenas os films de valor excepcional. A producção commum, todavia, é toda excellente, rigorosamente seleccionada. Penso, por isso, que este será o anno da Metro...

Waldemar Torres em Hollywood, em companhia de tres novas estrellas da Metro

Jeanette Mac Donald e Maurice Chevalier em "A Viuva Alegre"

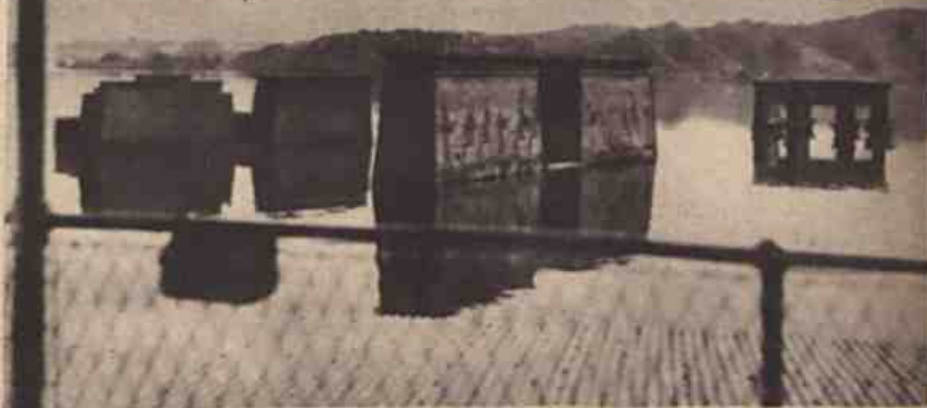
Greta Garbo e Herbert Marshall em "O véo pintado"

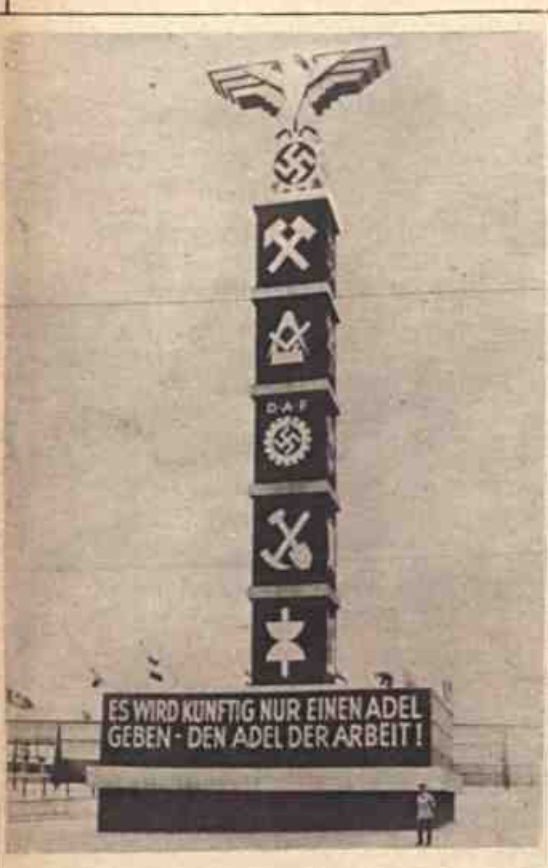
O MUNDO

MALDITAS ESCADAS! — Devido á greve dos ascensoristas de Nova York, a subida aos arranha-céos pelas escadas constituiu um verdadeiro calvario. Aqui estão alguns "valentes" que ousaram galgar centenas e centenas de degraus sem se cansarem... demais!

UMA MOLESTIA RARA — Um caso de hernia diaphragmatica foi registrado num hospital de Massachussett. A doente é esta menina, que se encontra ali em tratamento, á espera de ser operada. Sua dieta é rigorosa, consistindo em sorvetes.

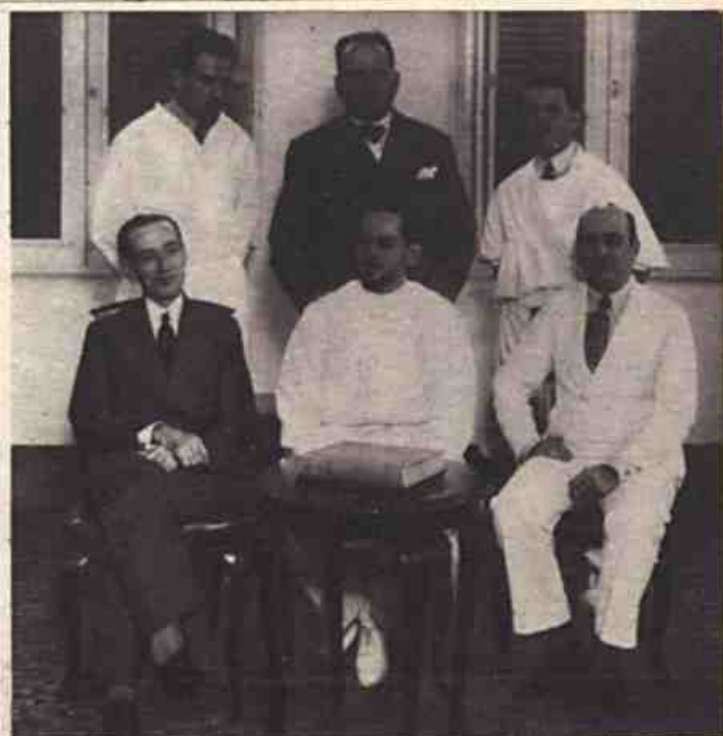
VIVA O "DUCE"! — Foram as exclamações enthusiasticas dos soldados italianos, ao embarcarem para a Ethiopia, afim de reforçarem as legiões que defendem as fronteiras das possessões italianas na Somalia. O fervor dos "camisas pretas" pela victoria é indescriptivel em todas as localidades italianas.

O "REI DA PIMENTA" — A mais recente photographia de Garabed Bishirgian, financista armenio, que passou á historia como o maior trustman do mercado das pimentas. Como o "Rei dos phosphoros", teve tambem o seu declinio.

AS torres do templo de Isis, construido na ilha de Philae (Egypto), por um dos Ptolomeus, dois mil annos antes de Christo. Vista tomada recentemente de bordo de um navio de passagem no rio Nilo.

EM REVISTA

A FESTA DO TRABALHO — Sob os auspicios do Fuehrer, tiveram grande imponencia as festividades realizadas em Berlim, este anno, no proposito de incentivar o culto do Trabalho. O inicio das festas deu-se com a inauguração do Marco dedicado aos que trabalham, e aqui reproduzido.

UMA DAS MAIS BELLAS CIDADES — Visão aerea do centro de Washington, mostrando algumas das novas construcções. Ao fundo, o edificio do Departamento da Justiça recem-inaugurado. O vasto palacio, que se vê ao centro, e que se destaca por suas entradas semicirculares, é a antiga Repartição dos Correios. A' esquerda, o Departamento do Trabalho. Do lado opposto, o do Commercio. A' direita deste, o espaço reservado ao edificio da Columbia.

HONRA AO MERITO — Entrega, no Aero Club de Washington, dos diplomas de 1º grau aos aviadores que mais se distinguiram em 1934. Um dos laureados foi o Cel. Turner (á esquerda). A distribuição dos diplomas foi feita pelo senador Mc Adoo, presidente da Associação de Aeronautica dos Estados Unidos.

AS OLYMPIADAS DE 1936 — O grande certamen sportivo internacional, que se vaé realizar na Allemanha, já está definitivamente organizado. A commissão directora compõe-se dos seguintes senhores, a contar da esquerda: Dr. Theodor Lewald, Hans von Tschammer-Osten, Drs. Karl Diems, Ritter von Halt, Werner March e Hans Pfundtner, este representante do Ministro do Interior, Dr. Frick.

NO HOSPITAL DE UROLOGIA

Dois aspectos da visita de agradecimentos da Commissão de Beneficencia e Auxilios da Associação Brasileira de Imprensa ao Hospital de Urologia, dirigido pelo professor Dr. Estellita Lins, que poz á disposição da A. B. I., gratuitamente, um leito permanente para os seus associados.

VISITANTES ILLUSTRES — Visita á séde da A. B. I. do Sr. Reidar Solum, Secretario da Legação da Noruega, e do jornalista José Quesada, da revista "El Hogar", de Buenos Ayres.

PAUL — O anniversario de Paul, o photographo mundano, occorrido a 20 do corrente, foi motivo de grandes regosijos para os seus amigos, recebendo aquelle artista varias homenagens.

BODAS DE PRATA DO CASAL DR. LAMARTINE GONTIJÒ - D. ARACY FLORES GONTIJO — Missa votiva na matriz de Santo Antonio.

ENLACE ELZA TEIXEIRA LOPES - LINCOLN TEIXEIRA LOPES — Grupo onde se vê os noivos cercados de seus paes, parentes e amigos.

NORTE E SUL

Onde é que acaba o Norte? Onde é que o Sul começa?
Sul e Norte o que são? Norte e Sul são dois braços
De uma cruz: o Brasil. Norte e Sul são compassos
Rythmando o coração que o patrio amor professa.

Se o Sul é uma esperança, o Norte é uma promessa:
Esperança e promessa — os dois amaveis traços
Do Destino, esse avião que vence tempo e espaços,
E que ao ponto do qual partiu, jamais regressa.

Se ergue o Norte o seu canto immenso, lhe responde
Com seus hymnos, o Sul. Sul e Norte estão onde?
Do Amazonas ao Prata é igual sempre o perfil.

De uma palmeira — a palma ao lado de outra palma...
Norte e Sul, dois irmãos, duas almas numa alma,
Dois corpos num só corpo — o da Patria: Brasil.

O BARCO

Céo limpo... céo azul, sem que, de paina
Manche-o um fiapo... O ambiente, ha pouco morno,
Com o sol causticante é como um forno
De elevada pressão, que não amaina.

A marinhagem, em continua faina,
Atropella-se... E' tudo triste, em torno,
Onde, em largo rebojo, anda o bochorno
Sobre as aguas do mar, como uma plaina.

Mas já um vento leve vem soprando
E á flôr das aguas passa rente, rente,
Como um halito fresco, doce e brando;

E o barco, as vélas pela suave brisa
Bojando, lindamente, airosamente,
Como um cysne hieratico deslisa...

O CÉO

Berço e tumulo de astros, mão que accende
O sol — lampada eterna da alegria,
Annuncio do arrebol, cartaz do dia,
Aguia de fogo, fulgurante duende.

Mas, desde onde e até onde elle se estende?
Onde, em que ponto acaba ou principia
O céo, por onde a claridade espia?
Que ao manto escuro estrellas de ouro prende?

Nelle, o naufragio apparatoso e aéreo
Da luz, occorre diariamente... Emtanto,
A luz, flôr delicada do mysterio,

Nelle renasce — e essa metamorphose
Celebra a suavidade de um encanto,
Grita a alleluia de uma apotheose!

LEONCIO CORREIA

As canellas do defunto

(Especial para O MALHO)

O Dr. Godofredo Vianna, nome sobejamente conhecido de politico e jurisconsulto, é tambem um escriptor primoroso. Possue já publicadas obras valiosas de literatura judiciaria. Agora, vai estrear na literatura de ficção com um grande livro "Terra de Ouro".

E' dessa obra, que o consagrará como "conteur", a pagina que antecipamos aos nossos leitores.

A tia Ludovina acabava de fechar a sua vendola. Os visinhos ha muito estavam agazalhados. O relogio da Matriz batera já dez horas da noite. A ultima caneca de café, requentado, quem a tomára fôra o Chico da Fia. O rapaz subiu apressado a calçada, ainda a tempo de impedir que a velha corresse o comprido ferrolho que trancava a pesada porta.

— Eh! Tiazinha: por favor.

— Vens tarde, Chico. Que foi isso? Pagodeira, hein?

O homem, entrando e sentando-se fatigado a um dos banquinhos da venda, teve um sorriso triste.

— Não diga isso, Sá Ludovina. Um pobre de Christo como eu só tem canseiras e trabalho. Não tem tempo p'ra essas cousas. Bem sabe quantas irmans orphãs eu preciso sustentar...

— Está bem; está bem, meu rapaz. Não te amofines. Então, as faisqueiras já estão assim tão pobres? E, emquanto falava, ia soprando os tições do fogo que já abafára com terra.

— Muito pobres, Sá Ludovina. E cada vez mais distantes da villa. Todos os mineiros se queixam. Sá Ludovina quer saber? Levei hoje o dia inteiro com os pés dentro do corgo e só recolhi tres oitavas. Que vale isso? Quasi nada, porque tudo agora anda pela hora da morte! Inda hontem seu Luiz Padeiro me disse que o pão de seis onças vai passar p'ra 120 réis. Uma gallinha está custando 1$000. Quem é que póde com isto?

— E' verdade, Chico, é verdade. Nem sei como o pobre póde viver. Tambem a culpa é de nossa Vereação. Por que não toma providencias?

Então, é p'ra estar ainda a gente se regendo pelos preços da éra de 25, no tempo do Senhor Rei Dom João V?

O café já fumegava na panella. Sá Ludovina ergueu-a nas duas alças, encheu a caneca de lata e adoçou a bebida.

— Chico, você quer quitanda?

— Só dois bolinhos de feijão, Sá Ludovina. E mastigando o bolo, sorvia o café a pequenos goles.

— Tambem o governo toma tudo aos mineiros... Não ha tributo que lhe baste. Diz que é agora p'ra tornar a levantar as casas que o tarramoto derrubou em Lisboa.

— E que temos nós com isso? Deviam arranjar-se por lá como pudessem. Afinal, as Geraes é que pagam tudo. Se casa a Senhora Infanta, ha que lhe dar um bom donativo, p'ro dote. Se baptisam um Principe Real, não se dispensa um bom presente. São algumas arrobas que se vão. Irra! Assim já é demais!

— E por cima ainda perseguem os nossos ourives, prohibindo que elles trabalhem. Faz pouco que botaram na cadeia o Florencio, porque está fazendo umas obras de encommenda. Sá Ludovina não soube?

— Soube; soube. Um bom homem, coitado, o Florencio, e carregado de familia. Mas, vamos nos calar, Chico. Podia ser peor. Cala-te bocca, que mal falaste.

Quando o rapaz, pagando a despeza, sahiu, a velha recompoz os seus trens e fechou não só a porta do negocio como a que dava para o quarto de dormir. Dormir, era um modo de dizer. Porque em geral, as noites, sobretudo as de verão, abafado e quente, passava-as horas e horas debruçada á janella meio aberta do quarto que dava para a rua Direita, em cujo fim morava.

Sentava-se do lado fechado, bem rente ao peitoril de madeira, e punha-se a olhar, absorta em modorra, a praça deserta que lhe ficava fronteira. Só quando a noite avançava já para os lados da madrugada, e os gallos começavam a amiudar, tinha um arrepio de frio, fechava lentamente a janella, sem rumor, e mettia-se na cama.

Estava Sá Ludovina nessa postura, a pensar no casamento dos Infantes, e no festão que não seriam as bodas lá no Reino, o cortejo immenso sahindo do Paço Real para a Igreja illuminada como si fosse dia, coches dourados puxados por bonitos cavallos, fidalgos de farda vistosa, o Senhor Patriarcha todo coberto de ouro, musica, flores, borborinho do povo, quando o relogio bateu doze badaladas. A velha ergueu a cabeça, que involuntariamente descere até ao peito. Sacudiu, abanando-a, a saia pesada de durante que lhe abafava as gorduras internas, e olhando para o lado da porta da Igreja das Mercês, teve um sobresalto. A Igreja estava aberta e cheia de luzes, como nunca vira. Muita gente andando de lado para outro. De repente, o sino começou o tocar. Ouvia-se uma banda de musica. Os irmãos de N. S. das Mercês, todos pretos retintos, mas de habito branco, alvejando ao clarão das velas fumarentas que conduziam, moviam-se, pressurosos, collocando-se em fila, como de costume nas procissões. E grande numero de gente. E o parocho que sahia do templo, debaixo do pallio. E os andores que iam transpondo a porta larga das Mercês, um a um, vacilantes ao hombro de homens robustos. E o prestito que endireitava para a praça ondeante, compacto.

Sá Ludovina firmou a vista, esfregava os olhos, esgaratava os ouvidos.

— Não; não era possivel. Procissão não sahe á meia noite. Será sonho? Mas, se ella estava acordada. Mãe Santissima! Fechou os olhos, longamente. Quando os reabriu, a procissão já atravessava a Praça. Estava defronte de sua casa. Apesar da luz das velas, não conheceu ninguem. Capas brancas e caras escuras. Homens, mulheres, creanças. Os proprios musicos. Os proprios santos dos andores. Tudo preto e branco. E tudo em silencio. A banda, os instrumentos a tiracolo, calada. Não se ouviam passos. Tudo, porém, se movia em ordem e apressado. Aquelle cortejo immenso passou ante seus olhos attonitos.

Levou tempo. Afinal, subiu a rua Direita acima, e como a rua, um pouco adiante, fazia cotovello, sumiu-se á sua vista. Ficaram para traz, entretanto, alguns vultos pretos retardatarios, procurando ganhar a distancia que os separava do prestito.

Um delles, alto, roçou bem rente a parêde de sua casa. Dando com a velha que o fitava com olhos de assombro, parou. Ergueu as duas grandes velas de cêra que tinha nas mãos e plantando-as diante della, falou cavernoso:

— Faça favor de me guardar estas velas, ahi. Eu já volto.

A velha recebeu-as nas mãos tremulas, e apagando-as com um sopro gelado, levantou-se. O vulto desapparecêra já na escuridão.

Longo tempo esperou a tia Ludovina que a procissão regressasse á Igreja. A madrugada vinha já se annunciando, quando, desilludida da volta do cortejo fantastico, a assombrada mulher trancou a sua janella. Que faria da encommenda? pensou. Afinal, as velas não lhe pertenciam. Quem sabe se' o dono um dia viria buscal-as? Tirou do seu armario, que era um verdadeiro bazar, uma grande caixa de papelão amarello, collocou nellas com cuidado as velas e empurrou-a para o fundo da prateleira.

Sá Ludovina, de manhã, nada contou, com medo que a acussassem.

— P'ra que? Ninguem acreditaria.

O tempo passou. Sá Ludovina acabou esquecendo a procissão, esquecendo as velas no fundo do armario de cedro. O verão, cada vez mais quente, avançava. Fevereiro chegou, com as suas trovoadas e grandes pancadas d'agua.

Nessa tarde de 1732, os relampagos não cessavam e o fragor das descargas electricas apavorava. Não eram ruidos de pratos quebrados, de cadeiras arrastadas, de rugidos prolongados de onça irritada. Eram disparos, como de mina que explodisse. Uma luz violenta e um estrondo secco. Lascas de pedra voavam da serra de São José. Uma faisca levou a cruz de pedra da Igreja do Rosario. A gente da Villa tiritava de pavor. Resava-se. Acendiam-se palhas bentas. Todo mundo estava de joelhos.

Sá Ludovina, aterrada, procurou as suas palhas. Tinha-se gasto todas. Mal começava a trovejar e logo levava-as ao fogo, brando. Esgottaram-se. Que fazer? Que fazer, Santa Barbara?

De repente, a um clarão mais forte que quasi a cegou, lembrou-se das velas da procissão nocturna que lhe tinham dado para guardar.

Foi ao armario, desceu a caixa de papelão, collocou-a tremendo sobre a mesa. Abriu-a.

A bocca escancarou-se immensa e os olhos saltaram desvairados.

Na caixa de papelão não havia velas de cêra. Havia duas canellas de defunto, compridas, brancas, roliças.

A MISSÃO BRASILEIRA E A FELICIDADE DO MUNDO

Por DE MATTOS PINTO

O ouro em barris, a caminho dos Thesouros

A Missão Brasileira levou a Washington, Londres e Paris, as suas esperanças de uma fecunda harmonia no dominio das finanças. Nada mais suggestivo do que o espectaculo, desses gremios de technicos economicos, empenhados na construcção da prosperidade dos povos. O financista se regala com a esthetica das cifras, que marca o nivel da prosperidade social, mas o philosopho duvida da sociologia das moedas. A viagem da Missão Financeira do Brasil, ás metropoles do ouro, da America e da Europa, faz meditar num problema mais geral, muito mais prestigioso, cuja solução os genios da Theoria, de Aristoteles a Marx, tentaram em vão resolver. Referimo-nos á felicidade do mundo, thema que preoccupou os prophetas de Israel e fatiga os financistas do seculo XX.

A prosperidade material satisfaz a alma dos povos? Eis o verdadeiro problema da philosophia economica moderna. Em 1867, oito annos depois de Darwin ter divulgado os factos da selecção natural, Karl Marx lançava a sentença fundamental da sua theoria, neste termos inesqueciveis: "O modo de producção da vida material, domina o desenvolvimento da vida social, politica e intellectual". Na doutrina marxista, vemos a divisão do trabalho, separar o pedreiro do pensador, engendrar as castas e com ellas os privilegios sociaes, alterar os acontecimentos historicos, subverter a actividade mental dos povos. Os discipulos de Marx exaggeraram o principio fundamental do mestre e quizeram explicar toda a historia da humanidade, pelos factores simplesmente economicos. O materialismo economico encontrou a sua synthese, em Jeremy Bentham, para quem a utilidade se sobrepõe á ethica. "O dever deve estar submettido ao interesse". Como admittir tal lei? Numa sociedade, onde o mundo conduz o homem e o homem não conduz o mundo, como dizia Nougeolle, todas as insanias podem ser ennunciadas.

Os descobridores de ouro

Lembramo-nos de que Karl Marx desprezou do alto da sua critica economica, a influencia de Thales, Aristoteles, Pythagoras e Archimedes, que concederam os postulados puros da sciencia abstracta. Esqueceu Descartes, que applicou a analyse á geometria. Passou por cima de Huyghens, Euler e Bernonilli, que desenvolveram os principios da mechanica. Nem se recordou de Galilleu, cujo cerebro formulou a lei da quéda dos corpos, como pouco caso fez de Newton, que nos legou o patrimonio da gravitação. Todos elles enriqueceram o pensamento humano, com a fortuna das idéas mais nobres e desinteressadas. Além disso, Marx não soube distinguir os dois aspectos da machina, primeiro como creação do espirito scientifico e segundo como automatos industriaes, duas phases distinctas pelas suas finalidades.

Reflictiram os membros da Missão Financeira do Brasil, nos seus colloquios protocollares nos banquetes de Wastington, Londres e Paris, sobre esses grandes themas? E não deviam ter esquecido a denuncia de Friedrich Engels, mostrando gue na sociedade actual, cada um "produz o que quer, como elle quer, tanto como quer", sem meditar nas consequencias da ambição. Por tudo isso, na intelligencia acceita as verdades experimentaes do materialismo economico, applicado como methodo de critica social, ella repudia o predominio dos seus principios como theorema fundamental da vida. Ha alguma cousa de facto, que supera a brutalidade financeira do trabalho e Carlyle comprehendeu bem, quando viu na historia universal, a historia dos grandes homens que viveram sobre a Terra. O positivista Laffitte confessou que unicamente applicada á satisfação das necessidades materiaes, a intelligencia fica suffocada. A grande verdade é gue os povos não se mostram contentes com a prosperidade material do seculo XX, prosperidade sem conforto material.

O ouro amoedado, na Inglaterra, Russia, França, Austria e Allemanha, antes da Guerra Mundial

A offerta do emprestimo japonez ao Brasil tem trazido agua á bocca do nosso Jéca. Como os japonezes são gente muito seria, ninguem desconfia de que isso seja um negocio da China...

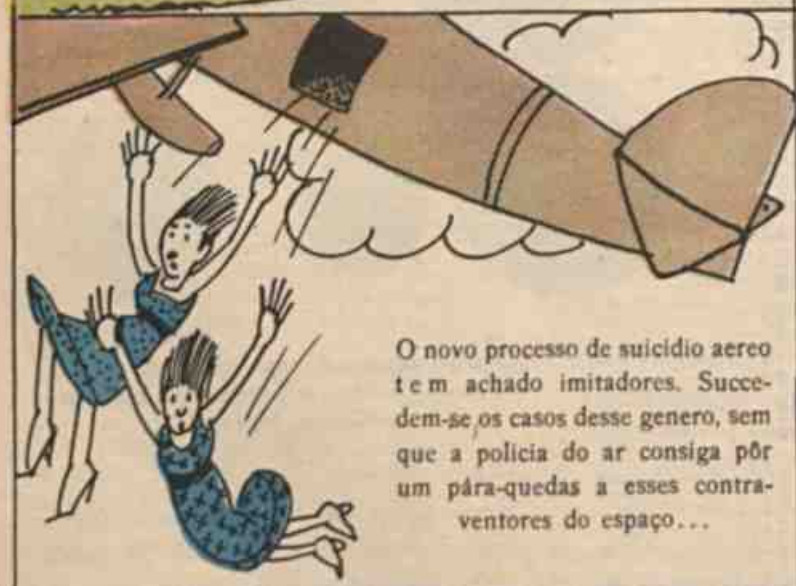
A tranquillidade voltou aos lagos e aos mares que estiveram por algum tempo agitados... O pacato burguez póde fazer socegado as suas innocentes pescarias sem sobresaltos nem sustos... Os **"peixes"** são os mesmos dos dias communs e não impressionam...

E ante essa dourada perspectiva, o infeliz funccionario recobra o alento da esperança de que esse dinheiro será emfim para o seu reajustamento...

acreditem ou não...

POR STORNI

Terminou a tragedia grega com a fuga do seu principal autor e actor. O Snr. Venizelos refugiou-se tranquillamente em Paris deixando os seus partidarios entregues á triste sorte!

E os turistas embasbacados que viveram as emoções intensas de um carnaval assistem ás commoções intestinas do **Pão de Assucar...** de Alagôas...

O novo processo de suicidio aereo tem achado imitadores. Succedem-se os casos desse genero, sem que a policia do ar consiga pôr um pára-quedas a esses contraventores do espaço...

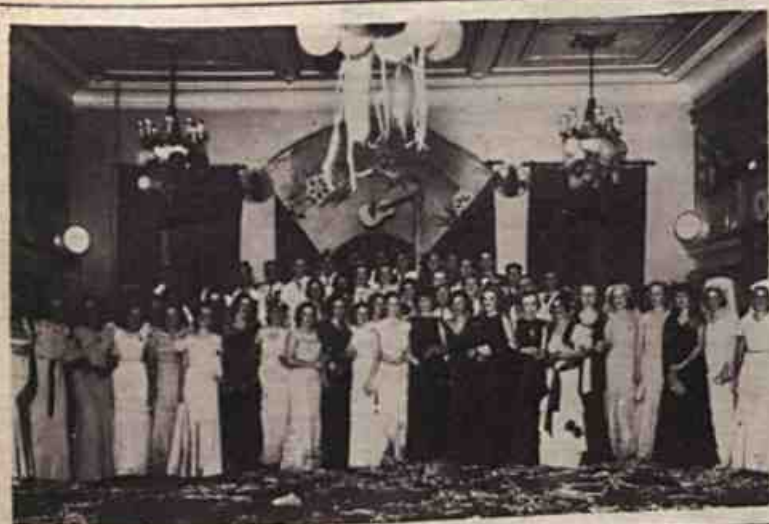
Então fala-se por ahi que vamos ter uma grande procissão na rua?

— Vamos, e dentro de pouco tempo.

— E' sério, ou boato?

— E' serissimo! Espere a Semana Santa e verá!

"O MALHO" NO ESPIRITO SANTO

Um aspecto da homenagem da sociedade espirito-santense ao Dr. Heitor Beltrão, jornalista brilhante, vice-presidente da A. B. I. e figura de grande relevo na sociedade carioca, quando da sua estadia em Victoria, representando a A. B. I., no 1º anniversario da Associação Espirito-santense de Imprensa.

Festa Hespanhola promovida pelo Gremio Recreativo Capichaba nos salões do Club Victoria.

Flagrante tomado no Club de Regatas Saldanha da Gama, durante a festa de despedida do capitão do Porto de Victoria.

Aspecto da festa promovida pela alta sociedade de Victoria, em homenagem á exma. sra. d. Alzira Donah Bley.

Distribuição de roupas ás creanças pobres de Victoria, promovida pela Sra. Punaro Bley.

Ecos do CARNAVAL BAHIANO

"Moenda Ideal", interessante carro allegorico, em homenagem á colonia portugueza.

O arauto do "Cruz Vermelha", cavalgando o "Bahiano", puro sangue de propriedade do industrial Alvaro Catharino.

O arauto do "Cruz Vermelha", ladeado pelos seus dois secretarios. O arauto representa o "Cavalleiro da Opulencia", e os seus ricos trajes deslumbraram a multidão. Photo tirado em frente ao barracão do Club.

Outro bonito carro do desfile deste anno: "Pesca Maravilhosa".

O "Resurgimento do Carnaval", um dos carros do "Cruz Vermelha" que fizeram successo, no desfile dos prestitos pelas ruas do Salvador.

Dois aspectos da cidade de Campos, tirados da torre da Cathedral São Salvador

Centenario de Campos

HERMETO LIMA

CORRIA o anno de 1647 quando assumia o cargo de governador da Capitania do Rio de Janeiro Salvador Corrêa de Sá e Benevides, — o homem que veiu perturbar a paz dos que viviam tranquillamente nos campos dos Goytacazes.

Essas terras tinham sido doadas por Martim de Sá a Miguel Ayres Maldonado e outros, que tomaram posse dellas e começaram a cultival-as. Vindo Salvador de Sá e comprehendendo o valor dellas, chamou Maldonado e forçou-o a essignar uma escriptura pela qual o territorio doado, seria dividido em 12 partes, das quaes tres ficariam para elle, Salvador Corrêa. Progredindo as terras o Ouvidor João Velho de Azevedo lembrou-se de erigir em villa o logarejo, o que foi contrariado por Salvador Corrêa. Passaram-se 20 annos e os moradores voltaram á carga. Nova opposição, e desta vez com violencia. Salvador mandou despejar muitos dos moradores e encarcerar alguns.

Muito prestigiado na Metropolee Salvador obteve restaurar a antiga capitania de S. Thomé em proveito de seus 2 filhos — Martim Corrêa de Sá e Benevides, primeiro Visconde de Asséca e João Corrêa de Sá. O primeiro falleceu logo depois da doação, herdando a donataria seu filho Salvador Corrêa de Sá, 2.º Visconde de Asséca.

Em 1677 fundava-se afinal a villa de S. Salvador dos Campos, que progredia a olhos visto. Em 1692 passou a Capitania ás mãos de Diogo Corrêa de Sá, 3º Visconde de Asséca, que a vendeu em 1790 ao prior de Chaves, Duarte Teixeira, — venda que não podia ser feita, porquanto a carta regia, pelo qual foi feita a doação da Capitania aos filhos de Salvador Corrêa, declarava que a donataria não podia ser objecto de venda, pois deveria sempre passar aos herdeiros do donatario. Mas mesmo assim, o prior de Chaves tomou conta das terras, pois o seu tio Francisco de Castro Moraes, governador do Rio de Janeiro, deu-lhe braço forte. Não poude nellas ficar. Eram tantos os inimigos, que o prior foi obrigado a vender as terras a Domingos Alvares Pessanha, seu capitão-mór.

Em 1791 o Ouvidor do Rio de Janeiro Dr. Carr Ribeiro, communicou ao governo de Lisboa a nullidade dessas vendas e a anarchia em que se achava a Capitania. Em resposta recebeu ordem para sequestral-a em nome da Corôa. Mas o 3º Visconde de Asséca declarou que não havia vendido nada ao prior de Chaves e assim requeria licença para que seu filho Martim Corrêa de Sá administrasse as terras. Esse Martim de Sá era um homem despotico e violento e tantas fez, que seu tio Luiz Vahia Monteiro, o Onça, que governava o Rio de Janeiro, intimou-o a deixar a Capitania. Foi nomeado para a governança João Alvares Barreto.

Em 1730 foi eleita a nova Camara, composta de gente inimiga dos Assécas. Mas Martim de Sá, que tinha recebido ordens do rei para de novo tomar conta de seu logar, seguiu para Campos e intimou á Camara que lhe désse posse do cargo de governador. Redobraram as violencias. Martim de Sá mandou prender o juiz Jeronymo Ferreira de Azevedo e os officiaes da Camara, e remetteu-os algemados para a Bahia afim de responderem a processo. Fez mais ainda, representou contra Vahia Monteiro. Absolvidos os presos, remettidos para a Bahia, voltaram a Campos e requereram a reintegração de seus cargos, no que não foram attendidos. Dentro de um sacco de farinha, — pois toda a correspondencia da Capitania era interdictada, foi enviado a Vahia Monteiro um memorial narrando todas as prepotencias de Martim de Sá.

Em 1732 Francisco Manhães Barreto foi mandado a Portugal em nome do povo campista, para expor os acontecimentos. Foi ouvido, e o rei ordenou que Martim de Sá embarcasse para Portugal e que o Ouvidor abrisse devassa sobre os factos da denuncia. Este, verificando que o Visconde de Asséca não havia cumprido as clausulas do contracto, sequestrou a Capitania em nome da Corôa. Mas o Visconde de Asséca não era homem para se deixar vencer. Conseguiu levantar o sequestro e implantar-se de novo em Campos. E' nomeado Pedro Velho Barreto para Capitão-mór. A Camara não lhe dá posse, mas o governador do Rio de Janeiro Gomes Freire de Andrade manda que elle exerça a jurisdicção mesmo sem prestar juramento.

Em 1746 fallece o Visconde de Asséca e o Conde dos Galveias, então vice-rei do Brasil, ordena o sequestro de novo, sequestro que a Camara conseguiu annullar. Em 1748 o 4º Visconde de Asséca apresenta-se em Campos para tomar conta da Capitania. Levanta-se o povo. Uma mulher, Benta Pereira, chefia o movimento, monta a cavallo e consegue derrotar a força adversaria. O Visconde communica os factos ao governador do Rio de Janeiro, e este manda uma expedição chefiada pelo general Almeida e Sousa para fazer respeitar os direitos dos Assécas. A expedição a 13 de Junho toma conta de Campos, que não poude resistir á vista da poderosa força adversaria.

O Visconde de Asséca, não conhecendo limites á sua vingança pratica então toda a sorte de depredações. Perseguindo e prendendo a torto e a direito familias inteiras foram obrigadas a abandonar a Capitania por falta de garantias.

Em defesa dos campistas parte para Lisboa Sebastião Rangel, que conseguiu de Rei que os Procuradores da Corôa ajustassem com o donatario a compra da Capitania, que foi resolvida por 24 mil cruzados de uma só vez e 4 mil annualmente e mais as honras de Conde que exigia o donatario. E assim terminou a luta que durou mais de um seculo. Dessa data em deante o territorio de Campos começou a progredir, até tornar-se o que é hoje — centro de actividade e de trabalho na industria, no commercio, na agricultura e na imprensa. Festeja a 28 do corrente o primeiro centenario da data em que de villa passou á categoria de cidade. Daqui enviamos ao seu heroico povo as nossas saudações.

Salvador Corrêa de Sá

Aspecto colhido no intervallo das dansas na festa da "Cidade Maravilhosa", "matinée" infantil levada a effeito no Orpheão Portuguez, nos dias de Carnaval.

ÉCOS DO CARNAVAL

Os interessantes meninos Esfira, Isaac, Annita e Marcos, phantasiados no ultimo Carnaval. São filhos do casal Olga e Adolpho Jaimovich.

Jayme e Esther Guittmann, dois galantes carnavalescos que tomaram parte activa nos folguedos de Momo este anno.

Senhora

Senhorita..

Que pensarão da ultima noticia sobre comprimento dos vestidos?

Curtos? muito mais curtos?

Pois, desde o começo do verão que acabou agora — pelo menos na folhinha — as verdadeiras elegantes já usavam saias bem p'ra cima dos tornozelos, isto é, pelo meio das pernas, ás vezes um pouquito mais altas.

E, quem inaugurou tal capricho da deusa adorada, foi Dulce Liberal, — Sra. Martinez de Hoz —, que, em Paris, é acclamada como realmente elegantissima.

Succede, porém, que nunca usamos o que decreta Paris e o que ordena Hollywood, conjunctamente com a parisiense e as "estrellas" do cinema.

O atrazo, embora pequeno, é ainda notavel. Porque, como a moda caminha, precisamos estar attentas ás suas leis para não nos sorpreendermos usando saias compridas quando a franceza já a relegou ao fundo do bahú.

Emtanto...

Ainda se não encurtaram as saias que nos deixem de velho aspecto com as que usamos trinta centimetros acima do sólo.

O outomno que está em marcha dirá da fixação, embora fugaz, da ultima ordem da rainha Moda.

Assim, que as leitoras apreciem, aqui, os modelos de chapéos especialmente desenhados para esta pagina, copiando-os em feltro fino, "faille", palha trançada com seda. — *SORCIÈRE.*

walter
mava

DE TUDO UM POUCO

DEMÓNIOS E ONDINAS

(Um trecho — Bernardes)

Em Sicilia, certo mancebo robusto e animoso, e grande nadador, sahira á prima noite a banhar-se no mar, por despicar-se, com este refrigério, das calmas do dia.

Começou pois, a brincar lascivamente com as ondas e a lavar-se porventura com menos temperança do que pedia a presença de Deus, que um christão em toda a parte deve trazer diante dos olhos.

Eis que, á luz da lua cujos serenos raios parecia estarem tambem brincando com o tremulo espelho das aguas, viu que atraz de si vinha nadando outra pessoa e que, pegando delle, o procurava mergulhar como por zombaria, do modo que o costumam fazer os muchachos, quando andam travesseando uns com os outros nas liquidas campanhas de Tétis. Lançando-lhe, pois, mão aos cabellos, a foi levando á toa para terra; onde, sahindo, reconheceu que era mulher, e por extremo formosa. Com que já os perigos chegavam a meia duzia: ócio, noite, solidão, sexo, forma, desnudez — atirando todos a converter "nadar" em "danar".

Assentados ambos na praia, mas elle sem soltar os cabellos, perguntou-lhe:

— Quem és?

Não respondeu.

— Como te chamas?

Não respondeu.

— Donde vieste, e quem veiu aqui comtigo?

Perseverava muda. Instou com outras varias perguntas, molificadas com carinhos; mas não teve nem aquella diminuta satisfação que pode dar uma parede ou um monte com os écos que delle resultam. E, ainda que este mesmo silencio era suficiente resposta, para se entender que o empenho neste caso não era seguro, todavia cegou-se a razão: e a mesma razão dita que tomemos aqui a emprestimo o silencio de quem occasionou a ruina.

Levou-a depois para casa, coberta com a sua capa (deixemol-o, que depois saberá o que leva) e não se contentando com menos que com recebel-a por sua mulher, achando que, sobre a sua rara formosura, bem raro tambem o dote de saber calar e não lhe conhecerem parentes. E a seu tempo teve della um filho mui lindo, com que vivia contente da eleição que fizera; e já não reparava no perpetuo silencio da sua consorte, atribuindo-o a defeito natural com que havia nascido.

Sucedeu, pois, que um dia, vindo a visital-o um amigo seu, homem douto e prudente, lhe perguntou a proposito do que se conversava, de que patria e geração era sua mulher.

— Até agora, respondeu elle, não o sei, porque a pesquei no mar, como enguia. Ha tantos annos que vivemos bem casados, e ainda está por ouvir-se a primeira palavra da sua bocca.

— Que dizes? tornou o amigo — é encarecimento ou verdade lisa?

— Dir-vos-hei o que passou, respondeu elle. E contou-lhe o caso todo. Do que admirado o amigo, rompeu dizendo:

— Pelo que eu vejo, esta não é mulher, mas demonio em figura della. Não estranho, porém, tanto sua malicia como a vossa demencia. Eu havia de estar assim com esse peixe-mulher, sem obrigal-a a romper tão obstinado silencio? Temos aqui as deusas Tacita e Muda, que a gentilidade dizia ser mão dos Lares, ou outra Angerona, que pintavam com o dedo sobre a bocca? Ah! bons açoutes nella, e logo o tirará fóra, e veremos claro o embuste.

O pobre marido, ouvindo estas palavras, ficou como quem começa a acordar de um pesado somno. E logo, entrando em colera, pegou de uma adaga nua, e ameaçou a mulher, mandando-a que falasse. E, murmurando ella entre dentes umas semi-palavras barbaras, que se não deixavam entender, elle lhe intimou que, se não respondesse claramente, lhe havia de apunhalar o filho diante de seus olhos. Então se abriu mais, dizendo:

— Ai de ti, miseravel! por que obrigar-me a falar, perdes uma mulher que te estava bem. Comtigo ficava, se permittisse que observasse o silencio que me encarregaram; mas, já agora, não me verás mais.

Acabar estas palavras e desaparecer, desfeita em vento, foi o mesmo. Deixa-se á nossa ponderação o assombro com que este homem ficou, e viveu dali por diante.

Mas do filhinho, que faria? Negal-o por seu, uma vez em suas acções mostrava não ser fantasma, mas de sua mesma especie?

Deixou, comtudo, alguma duvida, se era ou não era este filho outro demonio, em corpo aparente, o caso que depois lhe sucedeu. E foi que, crescendo em annos e seguindo os costumes do pae, quando um dia andava nadando com outros, veiu de repente aquella mesma sereia e, á vista de todos, o levou comsigo, onde nunca mais foi visto.

Em "Noite de amôr" ouviremos a canção-thema traduzida, assim, por Oswaldo Santiago:

Noite de amor,
de amor e illusão,
em que dois corações
não são
mais que um só coração!
Noite de amor,
que espero ter,
no meu viver,
uma só vez, emfim,
mais mais que ha de trazer
o esplendor para mim
de um sonho encantador,
Oh! Noite de Amor!

MENTIRAS

(Cleómenes Campos)

Quantas vezes, Silencio,
não ouves, na mesma hora,
este lyrismo facil pelo mundo:
"Eu te amo!
Nunca existiu na terra um amor tão profundo!
Hei de querer-te sempre, como agora!"

E é mentira, Silencio...

Quantas vezes tambem, ó discreto Silencio.
não desperta ao som desta velha amargura,
igualmente vulgar e igualmente fingida:
"Eu te odeio!
Antes nunca te olhasse! E's indigna da Vida!
Esquece-me por Deus! Já te esqueci, perjura!"

E é mentira, Silencio...

ELEGANCIA PARISIENSE

Bonito vestido de meia estação, todo preto, de velludo ou de crepe de seda, guarnecido de renda de Veneza. A' cabeça, pequenino chapéo de velludo escarlate. Traje destinado a "cocktail", jantar ou visitas de tarde.

UMA ESPORTISTA DE VALOR

Miss Halen Jacobs, campeã de tennis nos Estados Unidos, tomou parte, ultimamente, numa peleja de equitação organizada pelo Major H. Landsburg, reunião que teve como collaboradores Miss Jacobs e Miss Worth Bingham, esta ultima irmã do embaixador da Inglaterra.

NOTA CINEMATICA

Marion Davies - Gary Cooper

A "season" vae movimentar-se. Dentro em breve apreciaremos as producções da Columbia, da First, da Metro, da Universal, da R. K. O., etc.

King Vidor, da United Artists, apresentará "O pão nosso de cada Dia", magestoso trabalho sobre a crise mundial — segundo a opinião de Korda.

Samuel Goldwyn — descobridor de Anna Sten — preparou, com a mesma artista, "Vivamos de novo", pedindo a King Vidor para dirigir "The Weding Nigh" cujos protogonistas são ainda a "maravilha sovietica" e Gary Cooper.

A 20th Century garante que ao successo de "A casa dos Rothschild", premiada na figura de George Arliss, succederá o de "Clive de la India", com Ronald Colman, novella emocionante, phantastica, mas, em absoluto, firmada na realidade.

Anna Sten, Samuel Goldwyn, Eddie Cantor e o director do diario japonez "Asahi" realizaram a primeira conferencia telephonica entre os Estados Unidos e o Japão, numa linha de mais de 15,000 kil. de extensão, e ouvindo-se uns aos outros.

"Asahi" é o diario de maior circulação de Osaka, e está interessado em obter, pela bocca das maiores "estrellas" e respectivos directores as novidades cinematographicas.

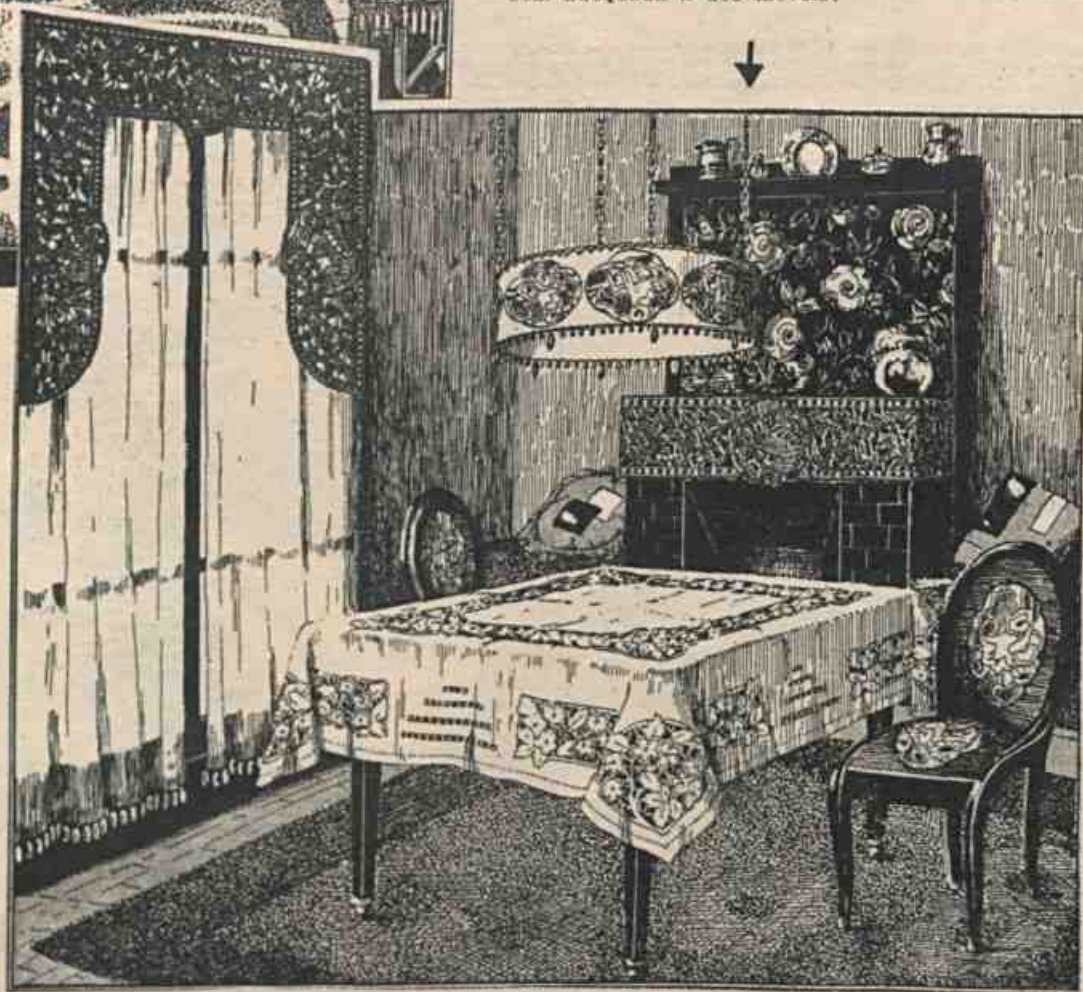
Na gravura ao lado os leitores apreciarão o director do diario nipponico, Samuel Goldwyn e Anna Sten em plena tarefa telephonica e de caracter noticioso.

Decoração da casa

Flores, chitões floridos, bordados lembrando folhagens, frutos, é sempre bonito como ornamentação da sala de refeições.

Muita vez, a mesa, meia duzia de cadeiras e um "étagére" são sufficientes ao mobiliario de uma sala de jantar desde que se completem por bonitas cortinas, artisticas toalhas de mesa, um quadro de tapeçaria, um bocado de alegre chitão no fundo do movel que fica ao centro da parede principal, e flores, louça alegre e lustrosa, tapete alegre e de boa qualidade.

Eis, por exemplo, o que a gravura apresenta. Emmoldurando a fina cortina de "voile" branco, um "panneau" de "crochet" artistico, cujo desenho, em caprichoso detalhe, se reproduz no "abat-jour" de taffetá verde. Embora se usem, actualmente, serviços de mesa á americana, a toalha inteira, bordada como a que se aprecia, é bem fina. No caso deve ser sombreada por taffetá ou setim do colorido do "abat-jour". Aliás, a tonalidade dos objectos que guarnecem um aposento deve estar em harmonia com o papel das paredes e bem adequada á dos moveis.

Um "hall" — ou ante-camara — ladrilhado de preto e branco, mobiliado de maneira a offerecer o mesmo conforto de um "living-room".

A ultima expressão da moda

4

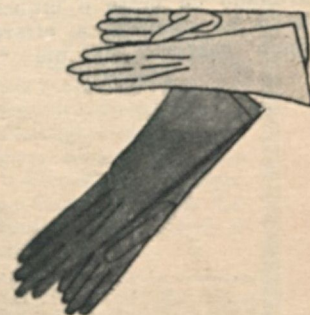
2

Da esquerda para a direita: vestido de crepe verde azulado, faixa preta e pastilhas verde brilhante; vestido de seda listrada; vestido de setim preto, adornos de crepe "beige" rosado; vestido de crepe marinho, gravata de renda de Bruges.

Vestido "trotteur" — crepe de seda branco, golla plissada, de organdy.

Vestido esporte — todo de crepe de seda, fôsco, azul brando, gravata marinho e pastilhas brancas.

3

1

Para de noite. Vestido de setim verde agua, bolas de seda "marron".

A moda que as "estrellas" do cinema decretam

CHAPÉOS para a meia estação, graciosos e elegantes, modelos ideados para artistas da Warner Bros., as quaes veremos proximamente em producções da referida empresa.

DOLORES DEL RIO, ainda mais bonita com uma grande boina de velludo preto luzidio.

JEAN MUIR, cuja elegancia ficou firmada em "Desirable", apresenta pequenino feltro preto guarnecido de laçadas de velludo estreito.

ANN DVORAK, petulante, linda, está com o mais moderno dos pequeninos chapéos de velludo preto.

DOROTHY DARE, uma loira bonita, suggere um "tricorne" de sedoso feltro preto "ruché" de lã.

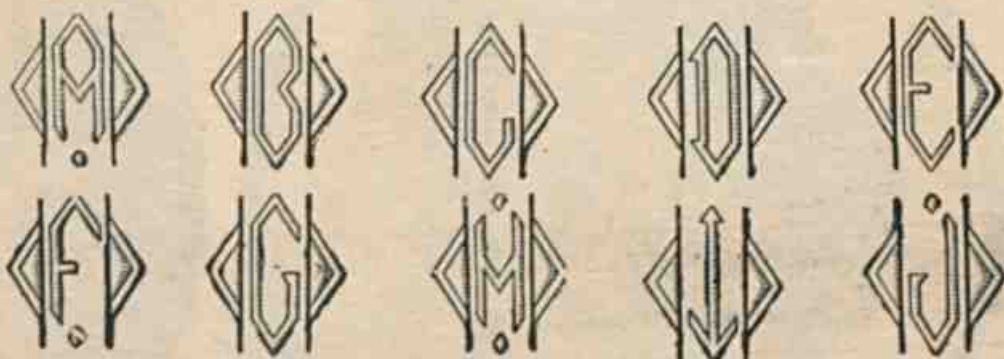
MARION DAVIES, num "chic" muito actual com o seu exquisito gorro de "faille".

PARA GENTE MEÚDA

I

II

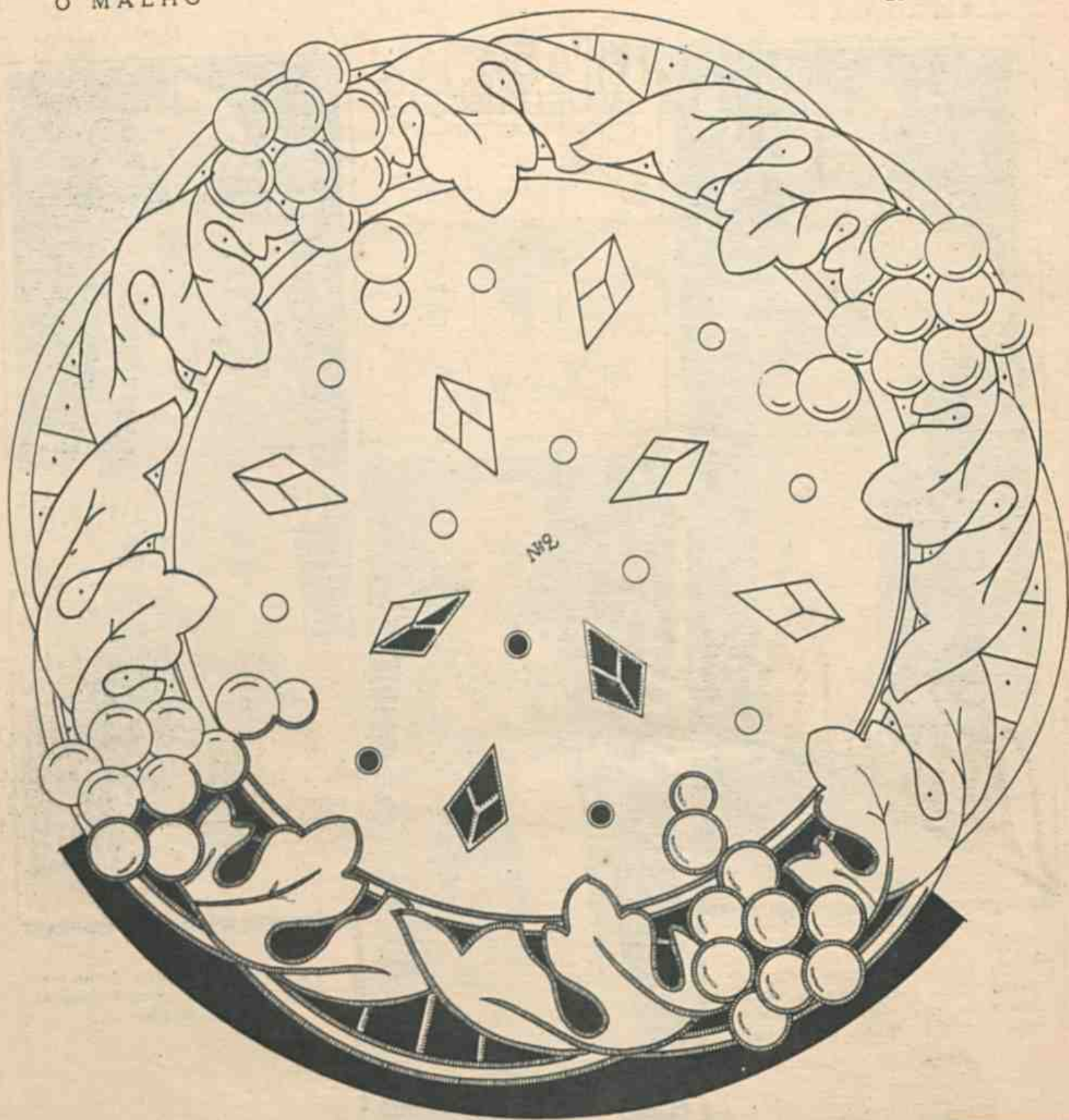
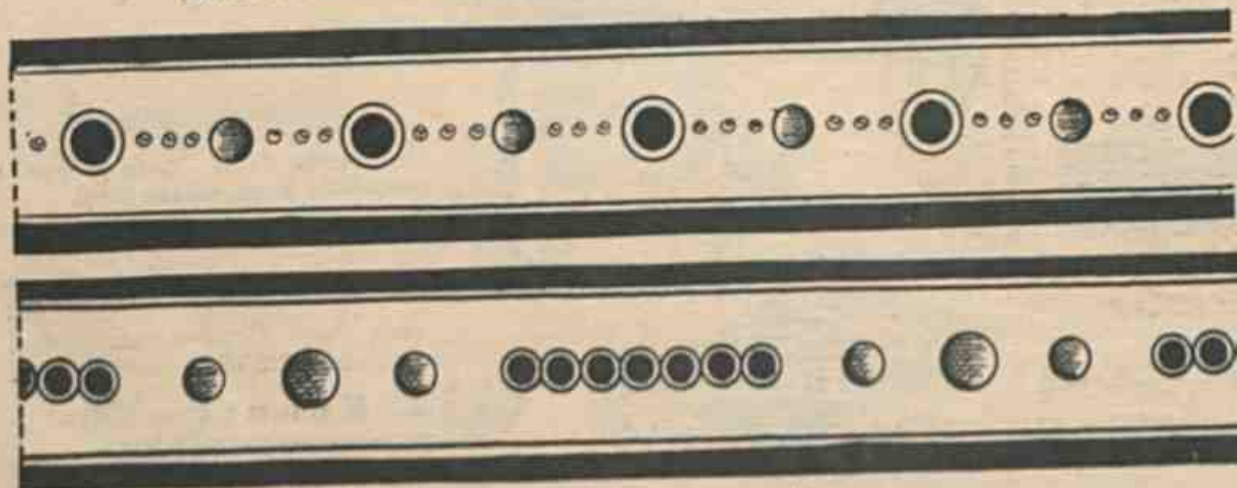
III IV V

Vestidos de primeira communhão: I — musselina, saia muito franzida e guarnecida de pregas "religieuse" que se reproduzem no corpete, bolsa de musselina pospontada e fôrro de setim; II — musselina — saia em quatro pannos que se reunem por meio de fita de setim fôsco, golla trançada; III — organdi — quatro grupos de pregas "lingerie": na frente, atraz, dos lados — coifa do mesmo tecido, um babado plissado á frente, rosetas de fita de "faille"; IV — musselina alvo azulado, feitio monastico, coifa com rosinhas de velludilho; V — organdi branco marfim — saia bem franzida, um fôfo na cintura e dois na pala da blusa, lacinhos de fita que se vêem tambem na coifa de organdi.

VESTIDOS

BETTE DAVIS

...de "ensemble" de crepe fosco azul pastel, blusa completada por larga banda de crepe estampado em dois tons de azul e pastilhas rosa vivo...

...de vestido de lã "peau d'ange" amarello fraco, casaco de lã "marron"...

... de crepe estampado: preto, branco e verde agua, blusa de pellucia verde brando...

Centro de mesa em linho branco bordado com ponto de Richelieu

A CRYOTHERAPIA EM ESTHETICA

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

O methodo da cryotherapia baseia-se na applicação do acido carbonico. Esse processo, chamado commummente de nêve carbonica, é muito empregado em dermatologia, principalmente nos casos de destruição de tumores. As cicatrizes resultantes são muito mais bellas do que as produzidas pela electrolyse, electrocoagulação, etc. Aliás é facil constatar isso pelo facto de que a maiorio dos exploradores polares ficam com algumas partes do corpo, como orelhas e nariz, inteiramente congelados durante as expedições, e, no emtanto, as cicatrizes são pouco visiveis. Pela cryotherapia, portanto, invés de se applicar o calor no tecido, usa-se o frio.. Ha apparelhos especiaes para a utilização da neve carbonica com dispositivos apropriados que se adaptam perfeitamente ás desgraciosidades que se quer tratar. Os estudos sobre cryotherapia tomaram um desenvolvimento enorme após os estudos e experiencias de Lortat-Jacob, feitos no Hospital São Luiz, de Paris. Na therapeutica dos angiomas e dos nevus emprega-se com bons resultados a neve carbonica, sobretudo nos que não ultrapassam tres a quatro centimetros de diametro, e que são logo tratados no inicio do seu apparecimento. Mesmo os tumores malignos (epitheliomas) podem ser curados pela cryotherapia.

E' sempre aconselhavel juntar um pouco de acetona na neve carbonica, para melhor resultado na applicação. Os angiomas são muito communs nas creanças e dahi, a conveniencia de se fazer o tratamento emquanto apresentam pouca edade, pelo facto de que, quando ficarem moças, a cicatriz já tenha desapparecido. A cryotherapia é tambem muito usada nos serviços de esthetica de Berlim e Vienna, onde diariamente varias pessoas procuram esse meio physiotherapico para o tratamento de nevus, angiomas, verrugas plantares, etc.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA
Nome ....
Rua ....
Cidade ....
Estado ....

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DA 56.ª CARTA ENIGMATICA

CAPITAL FEDERAL

Alice Mello — R. São Januario, 245.
Adroaldo Silva — R. Andradas, 84.
Belmiro Moraes — R. Juiz de Fóra, 15 — Andarahy.

S. PAULO

B. N. de Camargo — R. Adelaide Freitas, 2 (Moóca) — Capital.
Lygia Silva — R. Francisco Rafael, 7 — S. José dos Campos.
Benedicto Pinto de Campos — R. Economizadora, 17 — Capital.

RIO DE JANEIRO

Deolinda Pantolla — Parahyba do Sul.

MINAS GERAES

Octacilio R. Gesteira — R. do Pillar, 7 — Ouro Preto.

E. SANTO

João P. da Victoria — R. Luiza Grinalda, 61 — Victoria.

R. G. DO SUL

Luiz P. Rodrigues — Sta. Victoria do Palmar.

A solução exacta do 53º torneio da carta enigmatica.

O VELHO VIGIA

Por entre os tumulos brancos
Da noite pelo mysterio,
Caminhava o velho vigia
Do cemiterio.
E ha quanto tempo que leva
A noite inteira indormida
A ver se está livre a morte,
Da vida.

Adelmar Tavares

CARTA ENIGMATICA

Ahi têm os leitores mais uma interessante Carta Enigmatica para decifrar.

Dez esplendidos premios caberão, por sorteio, aos concorrentes que enviarem á Travessa do Ouvidor, 34, até o dia 27 de Abril vindouro a solução exacta acompanhada do coupon n.º 59, preenchido devidamente.

O resultado deste torneio será publicado no nosso numero lo dia 9 de Maio.

CARTA ENIGMATICA

Coupon n. 59

Nome ou pseudonymo .. ..
.. ..
.. ..
Residencia .. ..
.. ..

O trocadilho num Congresso scientifico

O dr. Mario Costa, conhecido humorista, cuja especialidade é o trocadilho, deu uma nota curiosa aos trabalhos do Congresso Brasileiro de Ophtalmologia, ha pouco realizado em S. Paulo.

Ahi, aquelle illustre medico fez uma conferencia sobre um thema ophtalmologico e um discurso no almoço offerecido ao professor Abreu Fialho, ambos cheios de curiosos trocadilhos e jogos de palavras de muito effeito humoristico.

Durante os trabalhos e nas reuniões sociaes parallelas ao Congresso, o dr. Mario Costa foi fertil na producção de interessantes combinações verbaes que faziam successo, por toda parte.

— *Quantos o dentista lhe arrancou?*
— *200$000!*

(Desenho de Altier)

Reapparecerá brevemente a "Illustração Brasileira". Guardando embora o antigo feitio que a distinguira sempre entre todas as revistas do nosso paiz, essa grande publicação reapparecerá com um vasto programma em que as preoccupações de arte, sciencia, politica, litteratura, religião, economia, etc., encontram echo.

Circulando mensalmente, como na sua phase anterior, a "Illustração Brasileira" conterá, em cada numero, uma synthese brilhante da vida nacional, com os seus grandes problemas e os seus factos mais transcendentes, focalisados pelos nomes de maior evidencia em cada especialidade.

Com um programma organisado em taes bases, esse mensario tornar-se-á uma publicação preciosa e indispensavel, impondo-se desde logo ao acatamento da sociedade brasileira e de todos os seus orgãos coordenadores e orientadores.

Quanto ao aspecto material, a "Illustração Brasileira" manterá o seu formato magestoso, a sua impressão esmerada, em papel magnifico, emfim, com todos os requisitos de uma confecção caprichosa, que fizeram della, durante a sua fulgurante actuação na imprensa brasileira, o orgão escolhido para as grandes commemorações historicas do nosso paiz, como: Centenario da Independencia do Brasil, da Confederação do Equador, do Nascimento de D. Pedro II, do Dois de Julho da Bahia, do Plantio do Café no Brasil, etc.

Voltando agora a circular, é natural que a "Illustração Brasileira" continue a ter um logar aparte entre as publicações brasileiras, merecendo das sociedades scientificas, litterarias e artisticas e dos orgãos mais representativos da nossa sociedade, as distincções a que tem direito pelo seu caracter eminentemente cultural.